



2

0

2

2

BOLETIM

INDICADORES

ECONÔMICO-

FISCAIS

NOVEMBRO

O Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina é uma publicação online e mensal da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDE), compartilhando dados quanti e qualitativos do desempenho da economia catarinense.

Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

JAIRO LUIZ SARTORETTO (INTERINAMENTE)

Secretário Adjunto de Estado de Desenvolvimento Econômico de Santa Catarina (SDE)

JAIRO LUIZ SARTORETTO

Secretário Executivo do Meio Ambiente

LEONARDO SCHORCHT BRACONY PORTO FERREIRA

Diretoria de Ciência, Tecnologia e Inovações

MORIS CLEBER KOHL

Diretoria de Clima e Biodiversidade

LUCIANO HENNING

Diretoria de Desenvolvimento Territorial

THOBIAS LEÔNCIO ROTTA FURLANETTI

Diretoria de Emprego e Renda

RICARDO JOSÉ AMORIM

Diretoria de Recursos Hídricos e Saneamento

PEDRO BROLEZZI

Diretoria de Relações e Defesa do Consumidor

JOÃO VITOR DA SILVEIRA

Diretoria de Empreendedorismo e Competitividade

CARLOS ALBERTO ARNS FILHO

Gerência de Indicadores Econômicos (SDE) e Coordenador do Boletim

PAULO ZOLDAN

Projeto Gráfico

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DA SDE

Contato

contato@sde.sc.gov.br

Sumário

CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE.....	4
APRESENTAÇÃO	5
RESUMO EXECUTIVO: ECONOMIA ESTADUAL AVANÇA 2,7%	6
1 QUADRO RESUMO	11
2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL.....	12
3.RECEITA TRIBUTÁRIA.....	15
4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL.....	14
5. OUTROS INDICADORES FISCAIS	15
6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO	16
7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE.....	17
7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR	17
7.2. PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS.....	18
7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA.....	18
7.4. VOLUME E RECEITA NOMINAL DAS VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	20
7.5. VOLUME DE SERVIÇOS.....	21
7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E BAIXADAS EM SANTA CATARINA	22
7.7. VENDAS DE DERIVADOS DE PETRÓLEO, CIMENTO, VEÍCULOS E CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA.....	23
7.8. MERCADO DE TRABALHO	24
7.9. COMÉRCIO EXTERIOR.....	25
7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA.....	26
7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS	27
8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO	28
9. ECONOMIA INTERNACIONAL	29

NOTAEXPLICATIVA:A SDE não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura. Apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.

CONHEÇA A ECONOMIA CATARINENSE

Somos estimados 7,399 milhões de habitantes que estão dispersos em uma área de 95,7 mil km². Nossa força de trabalho no segundo trimestre de 2022 está estimada em 4,104 milhões de pessoas sendo que 96,1% delas estavam ocupadas. Em relação ao trimestre anterior, são 136 mil pessoas ocupadas a mais, e em relação ao mesmo trimestre de 2021, houve um acréscimo de 275 mil pessoas. Dos 3,944 milhões de ocupados, 55,3% estavam empregados no setor privado (87,4% com carteira assinada, o maior percentual do País); 4% eram trabalhadores domésticos; 9,2% empregados no setor público; 4,6% eram empregadores e 25,5% trabalhavam por conta própria. Os trabalhadores familiares auxiliares representam outros 1,4% da população ocupada.

Do total de catarinenses ocupados, 24% tinham seu trabalho principal na indústria geral; 17,8% no comércio; 13,7% na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais; 11,7% nos serviços de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 8,3% na agropecuária, florestas e pesca; 7,4% na construção; 4,8% em outros serviços; 4,6% nos transportes, armazenagem e correio; 4% nos serviços domésticos e 3,7% em serviços de alojamento e alimentação.

A taxa de desocupação no Estado está em 3,9%, a menor do País, cuja média é 9,3%. O percentual diminuiu 0,6 p.p., ou 21 mil pessoas a menos na comparação com o 1º trimestre de 2022. Na comparação com o segundo trimestre de 2021, o contingente de desocupados teve redução de 68 mil pessoas. São agora 160 mil pessoas desocupadas. Os trabalhadores na informalidade totalizaram cerca de 1,1 milhão de pessoas, representando 27,2% das pessoas ocupadas, percentual que se manteve como o menor entre os estados, cuja média é de 40%. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho recuou 1,3 p.p., para 7%, representando 44 mil pessoas subutilizadas a menos em relação ao trimestre anterior. É a menor taxa do País, cuja média é de 21,2%. O percentual de pessoas desalentadas recuou 0,2 p.p. em relação ao trimestre anterior, para 0,4%, ou 8 mil pessoas nessa condição. É também o menor percentual do País, cuja média é 3,8%. O rendimento médio habitual do catarinense (R\$ 3.008) recuou 1% em relação ao primeiro trimestre e é 5,5% menor que o do 2º trimestre de 2021.

Nosso PIB cresceu 3,8% em 2019, atingindo R\$ 323,3 bilhões, o 6º maior do País, sendo que o PIB per capita de R\$ 45.118 era o 4º maior. Estimamos uma retração econômica de 1,1% para o Estado em 2020 e um crescimento de 8,3% em 2021, na comparação com os mesmos períodos anteriores. Em 2021, nossas exportações atingiram US\$ 10,3 bilhões ou 3,7% do total nacional. Nossa localização estratégica e competitividade tarifária e portuária nos posiciona como o 3º maior estado importador com 11,4% do total em 2021.

Diversidade cultural e produtiva, desenvolvimento territorial e humano e um extraordinário **potencial de crescimento econômico** são características que diferenciam nosso Estado e o colocam como o 2º mais competitivo do País. Aqui se encontram os melhores indicadores sociais e econômicos do Brasil.

Veja mais detalhes nos estudos e estatísticas produzidos pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico – SDE e acompanhando o **Boletim Mensal de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina**.

APRESENTAÇÃO

O boletim “Indicadores Econômico-Fiscais” de Santa Catarina apresenta dados e informações da economia do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o Produto Interno Bruto (PIB), emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, volume de vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo diesel, inflação e câmbio e expectativas de agentes econômicos. Aborda também a evolução dos dados fiscais do governo estadual, entre os quais as receitas e despesas, evolução da dívida, dos gastos com pessoal, do resultado primário e nominal, entre outros indicadores do governo e da economia estadual.

Os dados são atualizados mensalmente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica no Estado, sua comparação com o País e o delineamento das tendências de curto prazo da economia. Além da atualização desses indicadores, o boletim apresenta os dados oficiais do PIB estadual de 2019, o último divulgado pelo IBGE/SDE e uma estimativa preliminar para os anos de 2020 e 2021.

Nesta edição, no artigo de abertura, apresenta uma abordagem referente ao PIB de Santa Catarina no período de doze meses encerrados em junho de 2022, relativos ao mesmo período anterior.

Traz também, a atualização dos principais indicadores da economia estadual, entre os quais os últimos indicadores fiscais do governo estadual, divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte à tomada de decisões estratégicas de agentes públicos e privados.

[Acesse nosso site](#)

ECONOMIA ESTADUAL AVANÇA 2,7%

A economia estadual teve um primeiro semestre marcado por uma desaceleração bastante expressiva da atividade econômica, já que vinha de um período de forte recuperação iniciado no segundo semestre de 2020 e que se consolidou em 2021, quando Santa Catarina se destacou com um crescimento robusto, estimado em 8,3%, um dos maiores do País.

Já nos quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, a economia catarinense teve uma alta de 2,7% uma desaceleração, portanto, bastante significativa.

Além da base elevada de comparação, vários outros fatores contribuíram para essa desaceleração. O início do ano foi marcado pelo pico da variante Ômicron no País, quando grande parte da sociedade já percebia a pandemia como superada. O grande número de casos registrados gerou muita apreensão e contribuiu para postergar a normalização da circulação das pessoas e por sua vez, de seu acesso ao consumo de bens e serviços.

Não bastasse os efeitos desastrosos da epidemia sob a economia que desde princípios de 2020 desafiou a todos, a invasão russa na

Ucrânia em fins de fevereiro passado, ocasionou mais um choque profundo e transformador, em todas as partes do mundo, justamente em um período em que o mundo deslumbrava uma forte recuperação.

Os mercados de commodities e o comércio internacional foram (e seguem) significativamente impactados. Ainda que parte do agronegócio estadual tenha se beneficiado com aumento de exportações do complexo de soja; de carnes de frango e de produtos florestais, o aumento dos custos de produção afetou outros. Também a falta ou o alto custo de insumos e componentes industriais se disseminou por diversos segmentos, seja pelo aumento de preços ou pela redução da produção, e impactou também o consumo.

Também houve desaceleração da economia chinesa, que impactada pelos reveses da pandemia e pela crise imobiliária, persistiu com uma política de covid zero implementando persistentes lockdowns. Entre janeiro a julho, o valor das exportações estaduais para aquele país, recuaram 14%, a despeito do aumento do preço dos principais produtos exportados para aquele mercado. A normalização da produção local de carnes suínas também contribuiu significativamente para a queda das vendas para aquele país.

A produção agrícola também não ajudou. Estiagens e intempéries causaram a quebra da produção, principalmente de grãos. O índice

de quantum da Agricultura caiu 4,3%, enquanto o da Pecuária, cresceu 2%.

Para fazer frente a uma inflação expressiva e crescente, decorrentes dessa conjuntura adversa, o Banco Central elevou rapidamente a taxa básica de juros do País, a Selic, que impactou as demais taxas de empréstimos, financiamentos e aplicações financeiras. Em menos de um ano e meio, a Selic passou de 2% para 13,75%, com uma esperada repercussão negativa na produção e no consumo.

E com a inflação elevada e o rendimento médio do trabalho em queda, a proporção de catarinenses endividados cresceu pelo oitavo mês consecutivo em julho e atingiu 49,6% das famílias. Em nível nacional, o cenário é bem pior, com o patamar de endividamento e as dívidas em atraso renovando recordes. Isso explica o pessimismo do consumidor que se mostra cauteloso frente a esse cenário. Lembrando aqui que grande parte de nossa produção industrial está votada para o mercado interno.

Apesar das recentes revisões para cima do crescimento da economia brasileira para esse ano, o que se observa é uma perspectiva de baixo crescimento no País, abaixo não somente da média mundial, mas inclusive da média da América Latina, tanto em 2021 como em 2022.

Segundo o IBGE, em recente divulgação do PIB trimestral, a economia brasileira também desacelerou no período, passando de

um crescimento de 4,7% nos quatro trimestres terminados em março de 2022 (em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores) para 2,6%, na mesma comparação terminada em junho.

O resultado do Valor Adicionado neste tipo de comparação decorreu dos seguintes desempenhos: Agropecuária (-5,5%), Indústria (0,1%) e Serviços (4,3%).

As perspectivas atuais para a economia nacional são de uma acomodação desse crescimento a patamares ligeiramente inferiores nos próximos meses, já que as restrições fiscais e a alta dos juros para conter a inflação elevada, limitará as possibilidades de crescimento econômico. Também as incertezas típicas de anos eleitorais, o baixo aporte de investimentos públicos e o baixo crescimento mundial, contribuirão.

A recente ampliação de transferências sociais sobre o consumo das famílias, bem como as desonerações que ocorreram em itens que afetam amplamente os setores industriais e vinham pressionando os custos de produção, como energia e combustíveis, deverá ter efeito atenuante sob essa desaceleração.

Com o resultado do segundo trimestre, as previsões de crescimento para a economia brasileira em 2022 estão sendo revisadas e atualmente estão entre 2 e 3%.

Sem os estímulos do mercado interno e diante dos reveses apontados acima, a economia catarinense que vem crescendo

acima da média brasileira desde 2016, passa agora por um processo de acomodação.

Diante dos indicadores do primeiro semestre e da base alta de comparação, a estimativa de crescimento da economia catarinense para os quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores, desacelerou para uma alta de 2,7%. Abaixo, portanto, dos 6,4% estimados para os quatro trimestres encerrados em março. Lembrando que em 2021, nossas estimativas apontaram para um crescimento de 8,3%.

Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 1,2%, sendo que a pecuária cresceu 2% e a agricultura retraiu 4,3%. A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção estadual. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz e tomate.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno vem sofrendo o impacto do aumento dos preços das carnes. A produção de suínos cresceu 8,5% nos últimos 12 meses até junho, relativos ao mesmo período anterior, enquanto a de aves, cresceu 0,9%. Os abates de bovinos recuaram 17,2%.

A elevação dos preços recebidos pelo produtor de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura, de 9,2%, na comparação das médias de janeiro a junho de 2022, com as respectivas médias de 2021. Na pecuária, com a forte demanda externa, entre outros fatores, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de aves e do leite. O mercado de carnes suínas, impactado pela queda de exportações, teve seu preço reduzido. Com isso, o índice geral de preços da pecuária cresceu 6,3% no período. Foi o quarto ano consecutivo de alta.

A indústria de transformação retraiu 3,9% no período, sendo que as maiores quedas foram na produção de: Máquinas e Aparelhos Elétricos (-15,1%), Têxteis (-13,2%), Borracha e Plástico (-9,7%) e Máquinas e Equipamentos (-7,9%). A produção industrial de alimentos retraiu outros 1,6%. Entre os segmentos que cresceram estão o de veículos automotores (+10,1%) e a produção metalúrgica, que apesar da forte desaceleração, ainda está crescendo 2,6%.

Observa-se, portanto, uma desaceleração generalizada nesses segmentos, na comparação com os resultados anualizados de março passado. A fabricação metalúrgica, por exemplo, passou de um crescimento de 27,9% nos últimos quatro trimestres até março de 2022, para um crescimento de 2,6% na mesma comparação em junho de 2022, a maior desaceleração entre todos os segmentos industriais. A produção têxtil, passou de um crescimento de 0,3% para uma retração de 13,2% no período. Além desses, tiveram forte

retração os segmentos de veículos, de minerais não metálicos, de máquinas elétricas, de máquinas e equipamentos e vestuário.

O setor dos serviços no Estado, de maior peso no PIB, teve um crescimento robusto no ano passado e que foi anterior a retomada em nível nacional, mas agora passa também a refletir os efeitos da desaceleração em curso da indústria e do comércio.

No comparativo de 12 meses até junho, o volume de serviços cresceu 3,6% em SC. Foi o último a sair da crise e é o que se mostrou mais dinâmico, com as maiores taxas de crescimento, ainda que em sua maior parte também estejam em desaceleração. A exceção dos Serviços Profissionais, Científicos e Administrativos, que retraíram 12%, todos os seus segmentos cresceram na comparação com o período anterior. Os Serviços Prestados às Famílias cresceram 27,3%, os Transportes, 11,3%, os Serviços de Informação, 10,2% e a Administração Pública, 5,4%.

Entre os segmentos que compõem o setor de serviços, o comércio é o de maior participação e desacelerou para uma alta de 4,8% no período. À exceção do volume de vendas de Móveis e Eletrodomésticos (-12,1%), de Materiais de Construção (-3,8%), do Vestuário (-3,8%) e dos Supermercados (-0,5%), todos os demais estão crescendo. Destacou-se aí o crescimento das vendas de Livros e Jornais (19,6%), de Equipamentos e Materiais para Escritório (+18,8%), de Veículos (16,7%) e de Artigos Farmacêuticos (+10,4%). As maiores desacelerações entre março e junho se deram nos

segmentos de veículos, do vestuário e calçados e de artigos de uso pessoal e doméstico.

Ainda sob impacto negativo da pandemia, o comércio exterior vem agora enfrentando novos cenários com a guerra na Ucrânia e as sanções impostas a Rússia. No estado, o setor exportador se beneficiou com o bom desempenho dos segmentos de frango, celulose, madeiras e motores e peças. Já os embarques de suínos retraíram devido ao excesso de oferta na China. E os de soja tiveram disponibilidade reduzida devido à queda na produção.

Santa Catarina exportou valores recordes nesse ano. No primeiro semestre acumulou alta de 25,6% no valor dos embarques. Em doze meses até junho o crescimento foi 31,1%, mas está em desaceleração quando comparado com meses anteriores.

Já o valor das importações via portos catarinenses cresceu 12,6% no primeiro semestre. E em doze meses até junho acumulou alta de 26,8%, demonstrando uma tendência de desaceleração do crescimento ainda mais forte.

Esses resultados, de modo geral, refletiram no mercado de trabalho. Apesar do desempenho relativo bastante positivo, os indicadores do emprego apontam para uma acomodação a patamares mais baixos, tanto em saldos como em crescimento. Depois de um saldo recorde no ano passado, a desaceleração da economia vem reduzindo o ritmo das contratações. Em 12 meses, a

taxa de crescimento recuou para 5,9% em junho, em SC, décimo mês consecutivo de queda.

A taxa de desocupação no Estado está em 3,9% e manteve-se a menor do País, cuja média está em 9,3%. Ainda assim, estima-se em 160 mil pessoas desocupadas que procuram por emprego. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho está em 7% e é também a menor do País, cuja taxa estava em 21,2%.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, efetivamente realizados no segundo trimestre de 2022, pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas em Santa Catarina, foi R\$ 3.050, ou 5,7% abaixo da média de 2021, de R\$ 3.233,75. A massa salarial, no entanto, teve ligeira alta, devido a um maior número de pessoas ocupadas.

As receitas tributárias estaduais, sustentadas pela elevação dos preços de importantes fontes de arrecadação e pelo crescimento robusto da economia, estão atingindo valores recordes, contribuindo para a geração de superávits nas contas públicas, assim como para uma maior alavancagem dos investimentos. No entanto, o crescimento das receitas também está perdendo fôlego.

Com as recentes revisões para cima do PIB brasileiro, os empresários estão se mostrando mais confiantes e otimistas. Já, os consumidores, ainda que tenham melhorado suas percepções quanto ao momento atual e perspectivas futuras, seguem pessimistas, tanto em Santa Catarina, como na média nacional.

Em Santa Catarina, apesar da economia estadual encontrar-se bem tracionada, de o governo estadual estar em equilíbrio nas contas, gerando superávits e recursos próprios para investimentos e da reconhecida competitividade do Estado, o que se pode esperar, diante das dificuldades citadas acima, é de um crescimento mais modesto para esse ano.

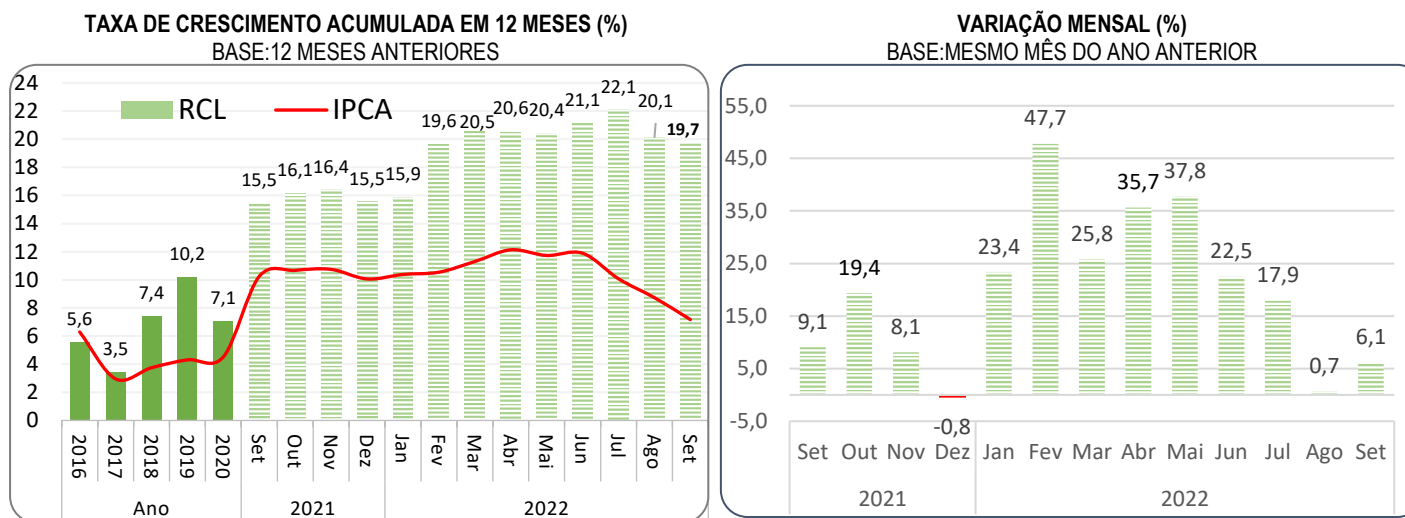
Os desafios no segundo semestre, portanto, são muitos. Seja no enfrentamento aos entraves para um maior crescimento econômico, seja no abrandamento dos efeitos sociais desastrosos da pandemia e da guerra na Ucrânia, especialmente no que se refere aos extratos menos privilegiados de nossa sociedade.

Economista Paulo Zoldan

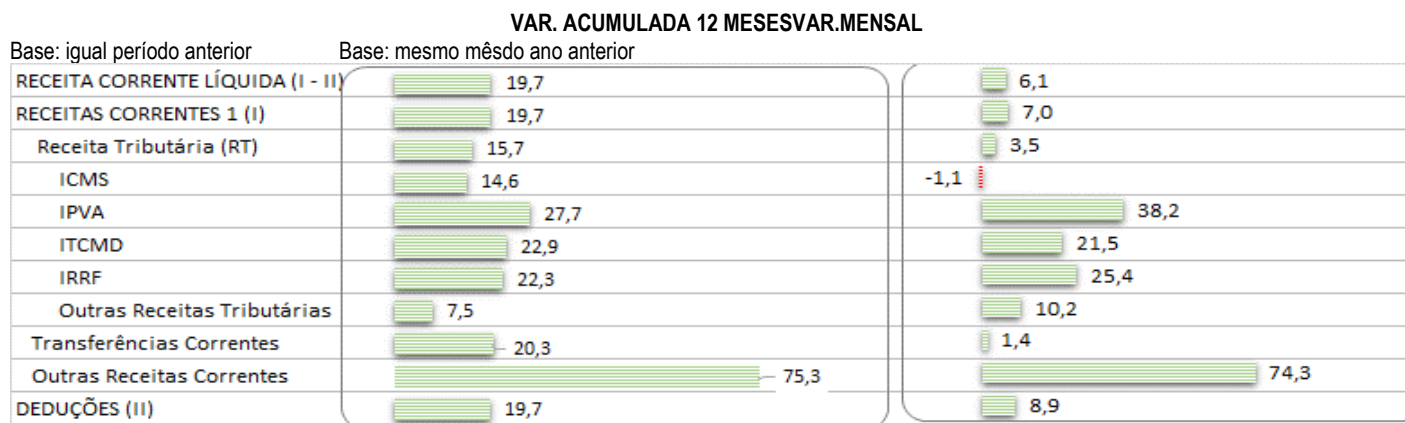
1 QUADRO RESUMO

INDICADORES	Mês de Referência 2022	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)				Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
							Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses
Receita Corrente Líquida - RCL	Setembro			19,7		-1,6	6,1	23,2	19,7
Receita Tributária - RT	Setembro			15,7		0,6	3,5	19,8	15,7
ICMS	Setembro			14,6		3,8	-1,1	19,0	14,6
Receita Líquida Disponível - RLD	Setembro			16,7		0,7	4,5	20,8	16,7
PIB SC 2022 - Estimativa SDE (12 meses até ...)	Junho			2,7					2,7
Empregos com Carteira Assinada	Setembro			5,0		0,6		5,2	5,0
Produção Industrial - Indústria de Transformação	Agosto	-4,5				-4,8	0,7	-3,6	-4,5
Exportações	Setembro			27,7		-19,2	0,6	23,4	27,7
Importações	Setembro			19,8		-3,7	23,7	17,4	19,8
Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Agosto			2,3		-0,2	4,2	3,2	2,3
Receita das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Agosto			19,4		-0,1	18,0	20,2	19,4
Volume de Serviços	Agosto			6,8		0,1	7,2	4,9	6,8
Volume das Atividades Turísticas	Agosto			35,3		-6,0	24,9	39,6	35,3
Emplacamentos de Veículos Novos	Setembro	-16,3				0,9	14,7	-10,9	-16,3
Consumo Aparente de Cimento	Janeiro			16,7		-2,8	14,3	14,3	16,7
Vendas de Óleo Diesel	Junho			5,6		-10,3	-2,2	1,8	5,6
Consumo de Energia Elétrica - Total	Junho			3,0		-1,0	2,1	2,2	3,0
Inflação (IPCA/Brasil)	Setembro			7,2		-0,3		4,1	7,2
Câmbio (Real x Dólar Americano)	31/out	-6,4				-2,8	-6,8	-1,9	-6,4

2. RECEITA CORRENTE LÍQUIDA-RCL(1)



CRESCIMENTO DA RCL POR TIPO DE RECEITA- SETEMBRO (%)



Fonte: SEF-SC/GEINF - Sigef

(1) A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no parágrafo 9o do Art. 201 da Constituição.

RCL RETRAI PELO QUARTO MÊS CONSECUTIVO

A RCL no Estado teve queda pelo quarto mês consecutivo em setembro. Além da desaceleração da economia e da inflação, contribuíram a redução de alíquotas do ICMS que desde julho passaram de 25% para 17% para combustíveis, energia e telecomunicações. Também houve redução das transferências correntes. Assim, o crescimento de outras receitas que compõe a RCL, não foi suficiente para compensar as perdas nos principais componentes dessa receita.

Dados levantados pela Instituição Fiscal Independente (IFI) apontam uma queda real de 10% na arrecadação do ICMS em SC no trimestre jul-set/22, sob o mesmo período de 2021, e acima da média nacional, que teve queda de 6,5%, na mesma comparação.

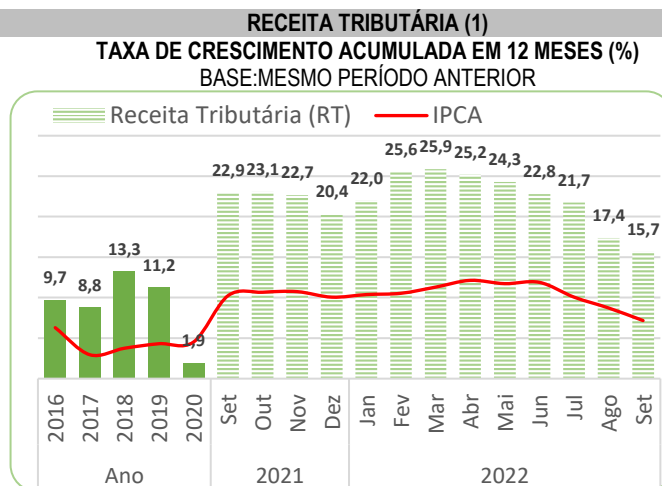
A RCL de setembro foi R\$ 2,961 bilhões. Encolheu 1,6% no mês, após retraindo 2,1% em agosto, -0,9% em julho e -10,7% em junho, quando comparado com os respectivos meses anteriores.

O valor arrecadado em setembro, no entanto, supera em 6,1% o arrecadado no mesmo mês de 2021. Mas foi também o segundo menor crescimento do ano nessa comparação e representa uma queda de valor em termos reais, já que a inflação no período foi maior (+7,2%).

No ano, a alta da RCL desacelerou para 23,2% e em 12 meses, para 19,7%, na mesma comparação anterior.

3.RECEITA TRIBUTÁRIA (RT)

RECEITA TRIBUTÁRIA (1) DEMONSTRATIVO RESUMIDO DA RECEITA TRIBUTÁRIA		
Receita Tributária, 2022 (em R\$ milhões)		
	Setembro	acum. 12 meses
Receita Tributária	3.350,9	40.988,4
ICMS	2.650,7	33.276,5
IPVA	275,5	2.941,7
ITCMD	66,6	764,9
IRRF	204,3	2.261,9
Outras	153,9	1.743,4



Após quatro meses consecutivos de retração, a RT de setembro atingiu R\$ 3,351 bilhões, 0,6% a mais que o arrecadado no mês anterior. Em valores correntes, o total arrecadado ficou 3,5% acima do obtido no mesmo mês de 2021, mas teve queda em termos reais, já que a inflação de 7,2% do período foi maior.

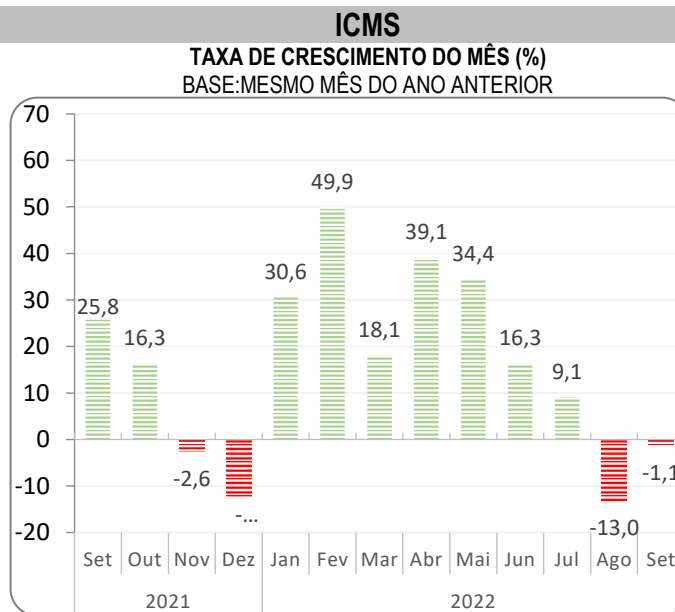
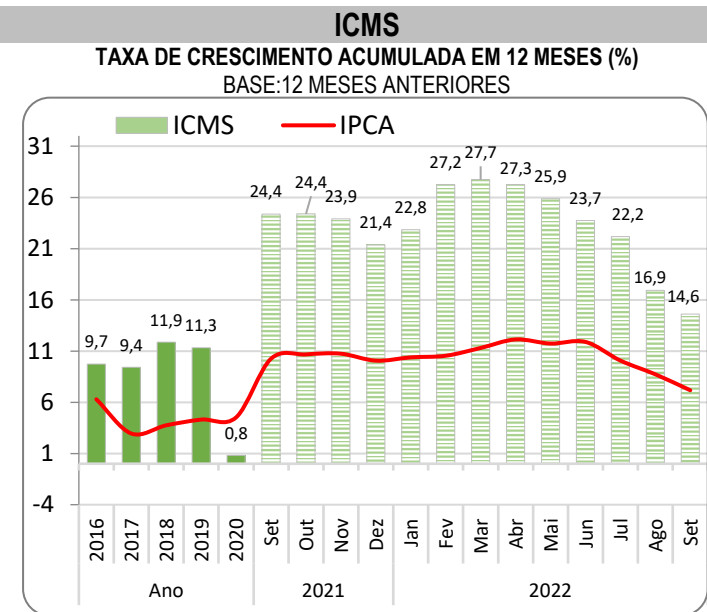
Ainda assim, o valor arrecadado, tanto no acumulado do ano como nos últimos doze meses, continua crescendo a taxas robustas, ainda que em desaceleração. No ano cresceu 19,8% e em 12 meses, 15,7%.

Do total arrecadado em setembro, 79,1% correspondeu ao ICMS. O IPVA representou 8,2%, o IRRF, 6,1%, o ITCMD, 2% e as outras receitas tributárias, 4,6%.

O ICMS segue em desaceleração. Apesar de crescer 3,8% em setembro, teve queda pelo segundo mês consecutivo na comparação com o mesmo mês de 2021. E, em doze meses, desacelerou para um crescimento de 14,6%.

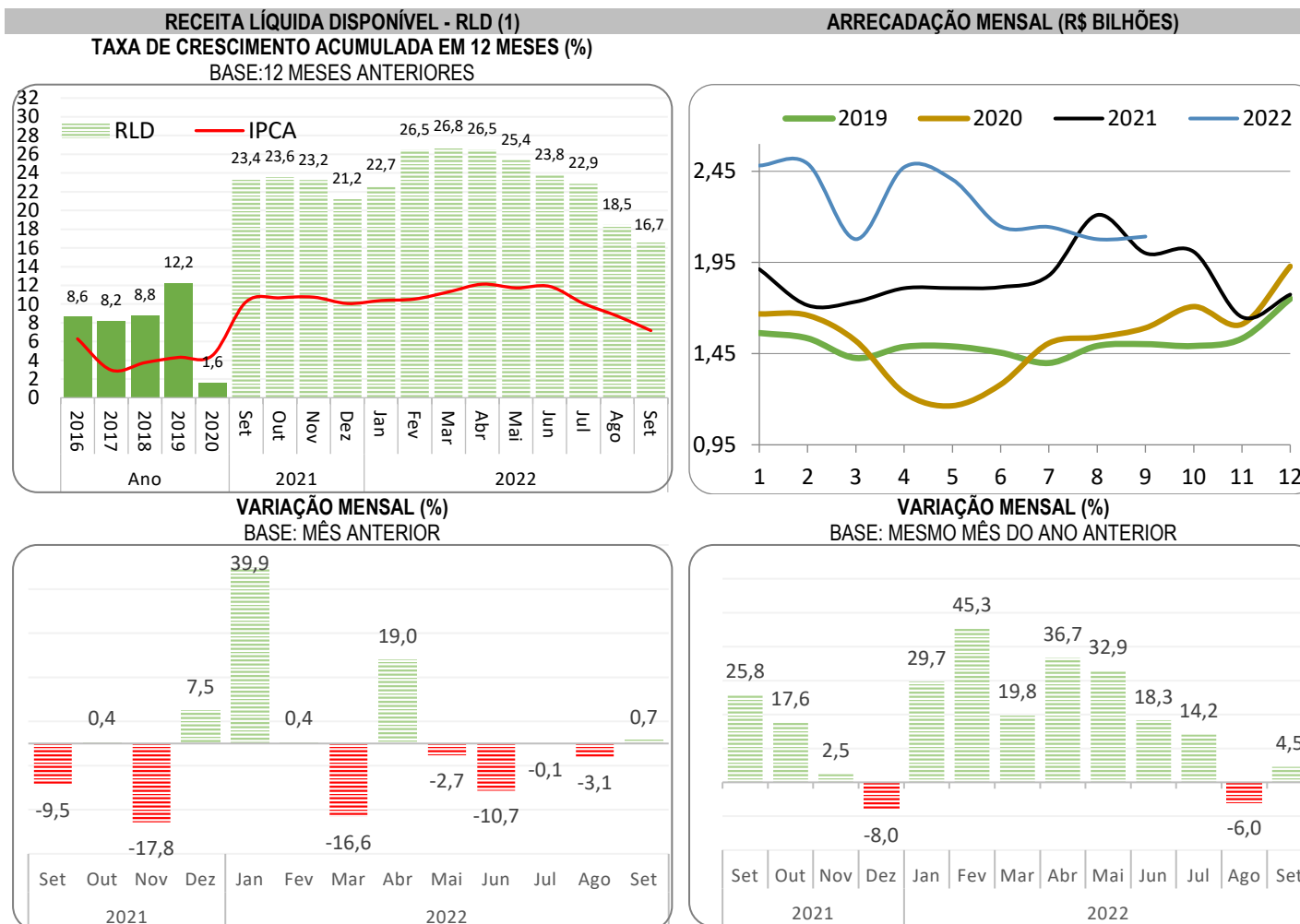
Além da queda da inflação e da desaceleração da economia, as receitas tributárias sofrem o impacto da redução das alíquotas para combustíveis, energia e telecomunicações que passaram de 25% para 17% a partir de julho. O crescimento de receitas de outros segmentos e os esforços de arrecadação não estão sendo suficientes para compensar essas perdas.

(1) A receita tributária é formada por impostos estaduais (ICMS, IRRF, IPVA, ITCMD), taxas e contribuições de melhorias.



Fonte: SEF-SC/Geinf-Sigef

4. RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL (RLD)



Fonte: SEF-SC/ (Sigef/SC)

(1) A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB.

RLD CRESCE APÓS QUATRO MESES DE RETRAÇÃO

A RLD de setembro cresceu 0,7% em relação a agosto, atingindo R\$ 2,092 bilhões. Foi a primeira alta depois de quatro meses consecutivos de queda.

O valor corrente arrecadado em setembro foi 4,5% maior que o do mesmo mês de 2021.

No ano, a RLD acumula alta de 20,8%, na comparação com o mesmo período do ano passado.

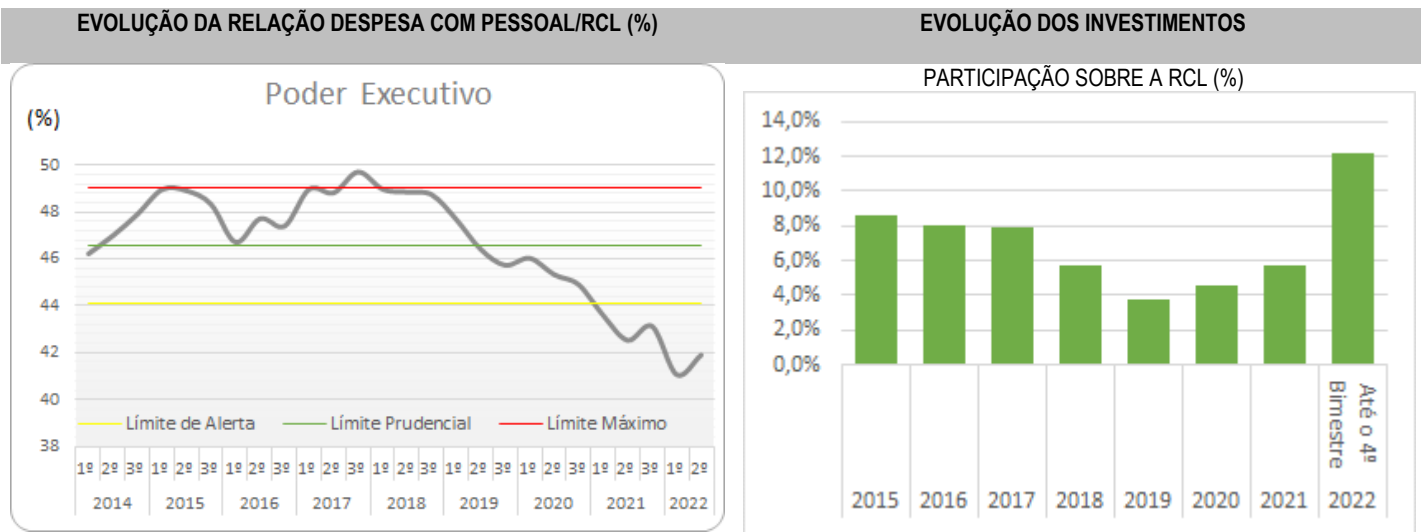
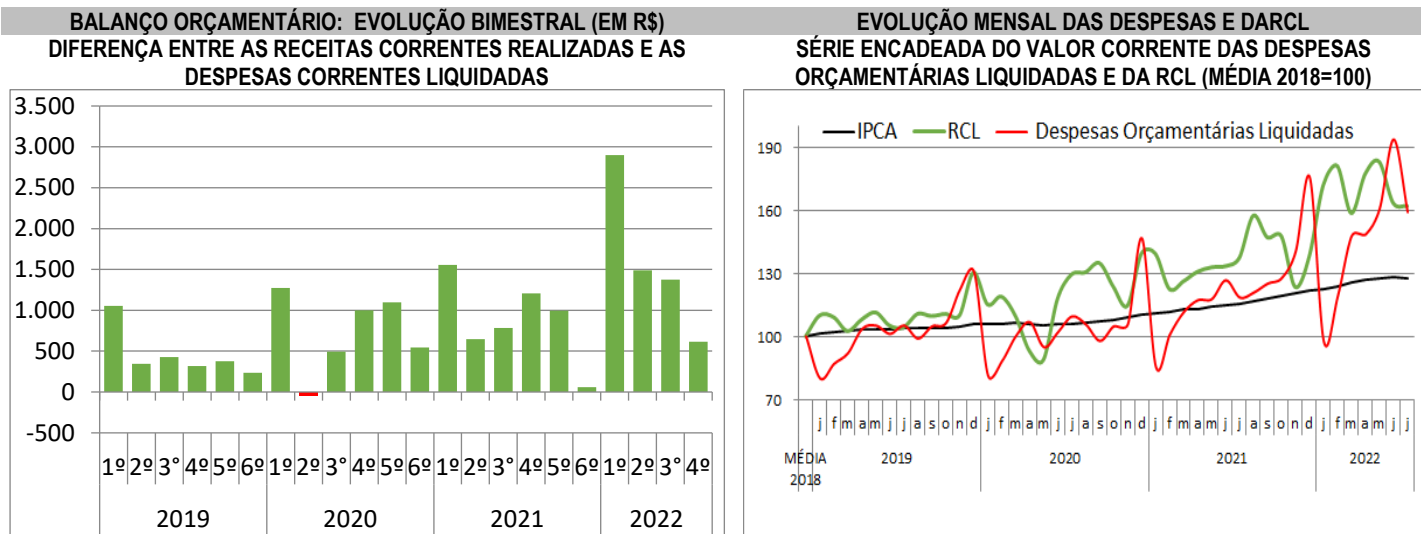
O crescimento na comparação de 12 meses, sob o mesmo período anterior, foi 16,7%, registrando uma desaceleração pelo sexto mês consecutivo, conforme gráfico ao lado. Em março passado, a RLD crescia a uma taxa de 26,8% nessa mesma comparação.

A RLD fechou 2021 com um crescimento de 21,2% e atingiu R\$ 22,3 bilhões.

Vale ressaltar que esse crescimento se deu sob uma base baixa de comparação, já que em 2020 essa receita teve um crescimento nominal de apenas 1,6%. A inflação naquele ano foi 4,5%, enquanto em 2021, foi 10,06%. Em 2022, a inflação está em queda e fechou setembro em 7,2%.

A RLD continua crescendo acima da inflação desde abril do ano passado.

5. OUTROS INDICADORES FISCAIS DE SANTA CATARINA



Fonte: SEF/SIGEF/SC: Relatório Resumido da Execução Orçamentária (RREO)

BALANÇO ORÇAMENTÁRIO

A evolução da diferença entre as Receitas Correntes Realizadas e as Despesas Correntes Liquidadas do Balanço Orçamentário do Executivo Estadual são apresentadas por bimestre para o período de 2019 até o quarto bimestre de 2022. Observa-se, no período, à exceção do segundo bimestre de 2020, sucessivos superávits na execução orçamentária do Estado.

RCL X DESPESAS

A evolução mensal da Receita Corrente Líquida, das Despesas Orçamentárias Liquidadas e do IPCA, no período de 2019 a julho de 2022, em relação as respectivas médias de 2018, demonstra uma tendência de crescimento da RCL acima da evolução das despesas.

DESPESAS COM PESSOAL

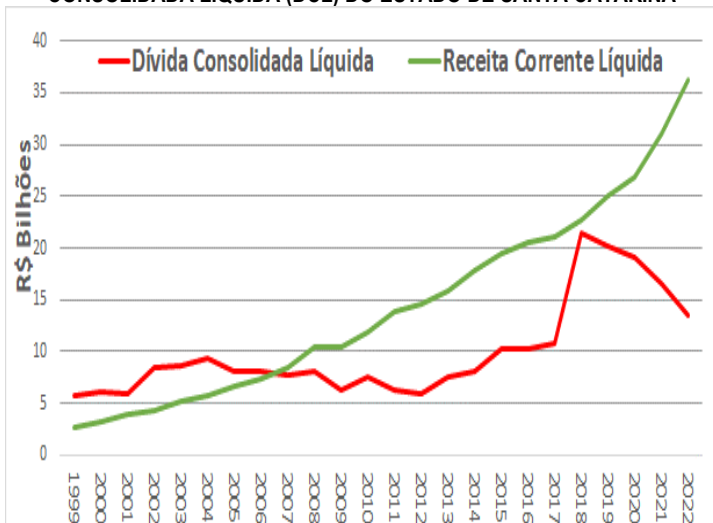
A LRF estabelece limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal no Poder Executivo. Em SC a variável vinha evoluindo próximo a esse limite, apresentando ligeira queda em 2018 e outra mais acentuada ao longo de 2019 e 2020. Essa relação continuou caindo e fechou o terceiro quadrimestre de 2021 em 43,14%, sendo o primeiro ano que essa relação se posicionou abaixo do limite de alerta. E fechou o segundo quadrimestre de 2022 em 41,9%.

INVESTIMENTOS

A capacidade de investimentos do Estado se recupera, inclusive com aporte crescente de recursos próprios do tesouro estadual. Em 2019, foram investidos R\$ 916,1 milhões, ou 3,7% da RCL do ano. Em 2020, os investimentos atingiram R\$ 1,2 bilhões ou 4,6% da RCL do ano. Em 2021, o valor investido foi R\$ 1,8 bilhões, 5,7% da RCL do ano. E até o 4º bimestre de 2022 foi investido R\$ 3,130 bilhões, 12,2% da RCL acumulada no ano.

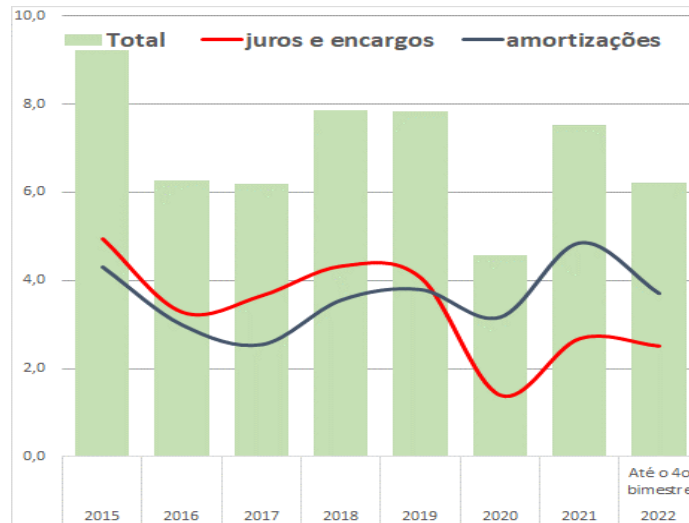
6. INDICADORES DA DÍVIDA E DO RESULTADO PRIMÁRIO DO ESTADO

EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (RCL) E DA DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA (DCL) DO ESTADO DE SANTA CATARINA



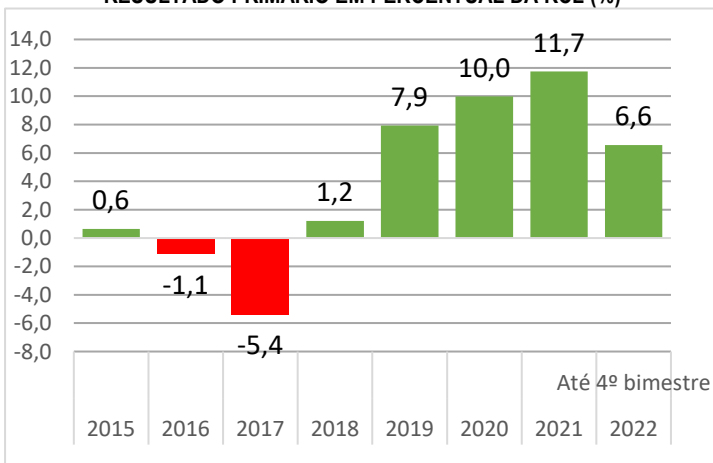
Fonte: SEF-DICF/RREO (até o 4º bimestre de 2022)

SERVIÇO DA DÍVIDA EM % DA RCL



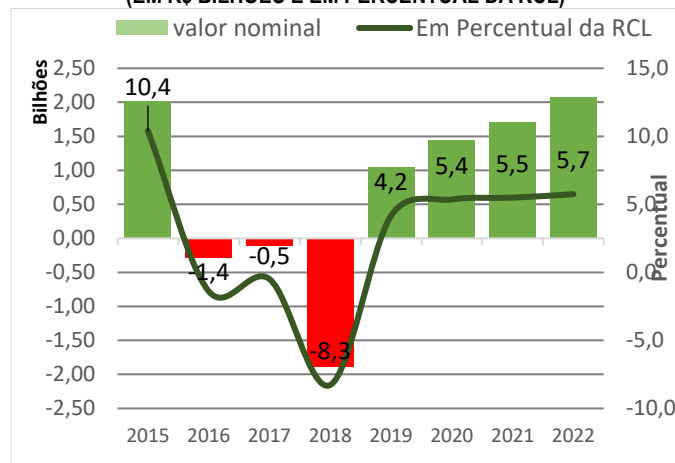
Fonte: SEF-DICF/RREO

RESULTADO PRIMÁRIO EM PERCENTUAL DA RCL (%)



Fonte: SEF/SC-DICF/RREO

RESULTADO NOMINAL (EM R\$ BILHÕES E EM PERCENTUAL DA RCL)



DÍVIDA DO ESTADO

A Lei de Responsabilidade Fiscal observa a relação DCL/RCL para verificar o limite máximo de endividamento dos estados, conforme gráfico ao lado. O limite definido é de 200% da RCL. Em SC, em 2019, essa relação era de 80,3% quando a DCL estava em R\$ 20,1 bilhões. Em 2020, essa relação caiu para 70,8% e em 2021, para 53% da RCL. No quarto bimestre de 2022, a DCL se situava em R\$ 13,477 bilhões, representando 37% da RCL. Entre 2019 e 2022 (até agosto), portanto, a DCL do Estado recuou R\$ 6,7 bilhões.

SERVIÇO DA DÍVIDA

O gráfico apresenta a evolução do serviço da dívida estadual (juros e encargos + amortizações) em proporção da RCL. Em 2019, 7,8% da RCL do Estado foi alocada no serviço da dívida e em 2020 essa proporção caiu para 4,6%. Em 2021, o serviço somou R\$ 2,3 bilhões ou 7,5% da RCL. Em 2022, até o 4º bimestre, somou R\$ 1,598 bilhões ou 6,2% da RCL.

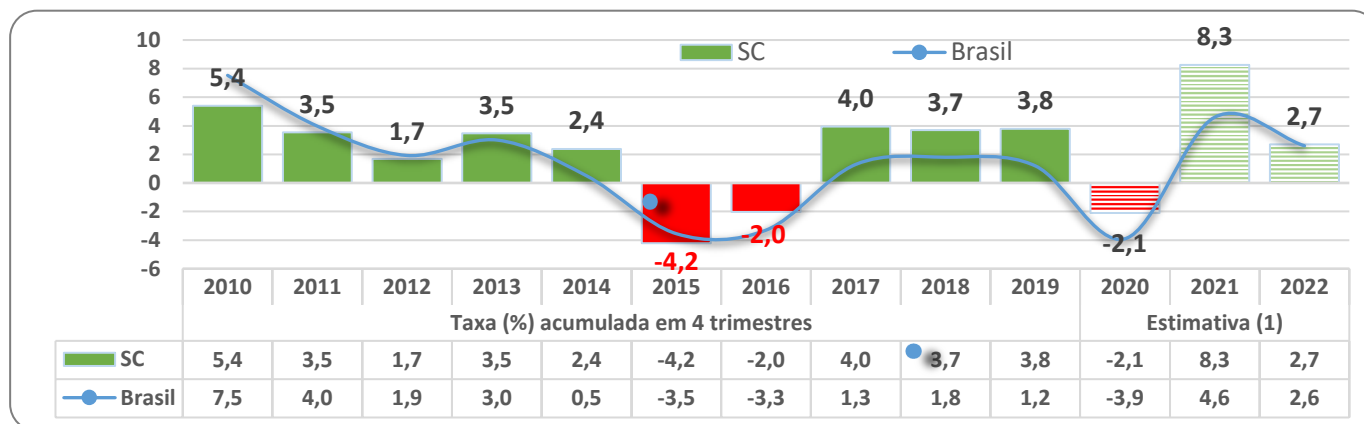
RESULTADO PRIMÁRIO

O resultado primário é definido pela diferença entre receitas e despesas do governo, excluindo-se as receitas e despesas com juros. Em 2019, SC teve um superávit primário de R\$ 1,9 bilhões ou 7,9% da RCL. Em 2020, o superávit foi R\$ 2,680 bilhões ou 10% da RCL. Em 2021, o resultado correspondeu a 11,7% da RCL ou R\$ 3,645 bilhões. E até o 4º bimestre de 2022 o superávit foi R\$ 2,377 bilhões e representou 6,6% da RCL do período, bem acima da meta fiscal da LDO para o exercício fixada em R\$ 1,473 bilhões.

RESULTADO NOMINAL

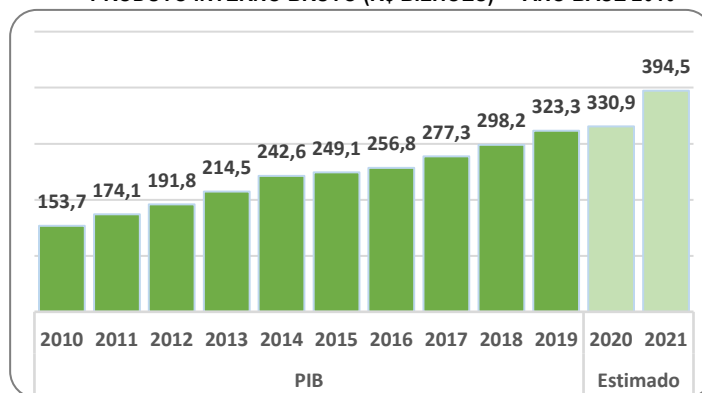
É a diferença entre o fluxo agregado de receitas totais (inclusive de aplicações financeiras) e de despesas totais (inclusive com juros). Entre 2016 e 2018, SC teve resultado deficitário. Em 2019, atingiu um superávit de 4,2% da RCL, equivalente a R\$ 1,043 bilhão. Em 2020, o superávit subiu para R\$ 1,440 bilhão, 5,4% da RCL e em 2021, avançou para R\$ 1,7 bilhão, 5,5% da RCL. E até o 4º bimestre de 2022 o superávit nominal foi R\$ 2,083 bilhões, 5,7% da RCL.

7. NÍVEL DA ATIVIDADE DA ECONOMIA CATARINENSE

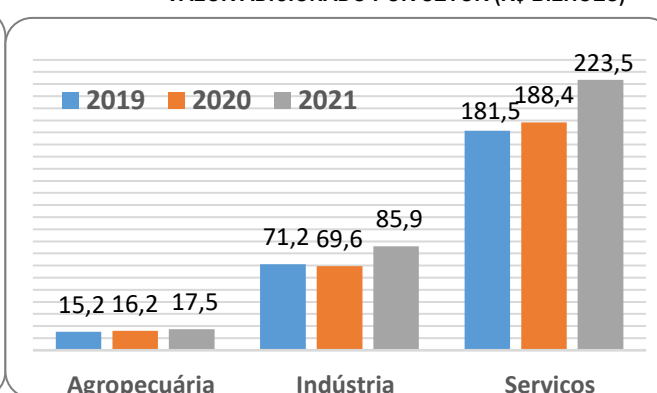


7.1 PRODUTO INTERNO BRUTO E VALOR ADICIONADO BRUTO POR SETOR

PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$ BILHÕES) - ANO BASE 2010



VALOR ADICIONADO POR SETOR (R\$ BILHÕES)



Fonte: PIB 2010-2019: IBGE e SDE/SC: Contas Nacionais e Contas Regionais; PIB Brasil 2020a 2022: IBGE/ PIB Trimestral Nacional; PIB Estadual 2019 a 2022: SDE/SC/Diec/ (estimativa SDE do Índice da Atividade Econômica de Santa Catarina). O resultado de 2022 refere-se à variação acumulada de 12 meses até junho de 2022 sob o mesmo período anterior.

PIB CATARINENSE DESACELERA

A economia estadual teve um primeiro semestre marcado por uma desaceleração expressiva da atividade econômica.

Diante de uma base alta de comparação e do desempenho dos indicadores do primeiro semestre, a estimativa de crescimento da economia catarinense para os quatro trimestres terminados em junho de 2022, em relação ao mesmo período anterior, desacelerou para uma alta de 2,7%. Abaixo, portanto, dos 6,4% estimados para os quatro trimestres encerrados em março.

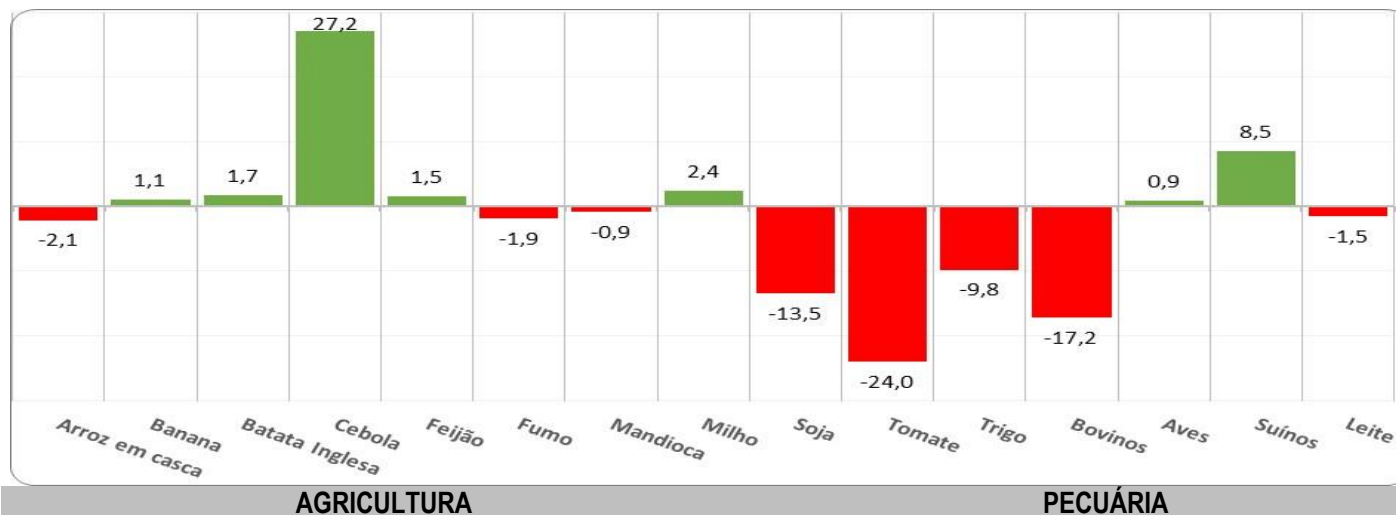
Nesse período, a agropecuária catarinense retraiu 1,2%, sendo que a pecuária cresceu 2% e a agricultura retraiu 4,3%.

A indústria de transformação retraiu 3,9% no período, sendo que as maiores quedas foram na produção de Máquinas e Aparelhos Elétricos, de Têxteis, de Borracha e Plástico e de Máquinas e Equipamentos. Entre os que cresceram estão o de veículos automotores e a produção metalúrgica.

O setor dos serviços cresceu 3,6% em SC. A exceção dos Serviços Profissionais, Científicos e Administrativos, que retraíram 12%, todos os demais segmentos cresceram na comparação com o período anterior, ainda que em desaceleração.

7.2. AGROPECUÁRIA - PRODUÇÃO E PREÇOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

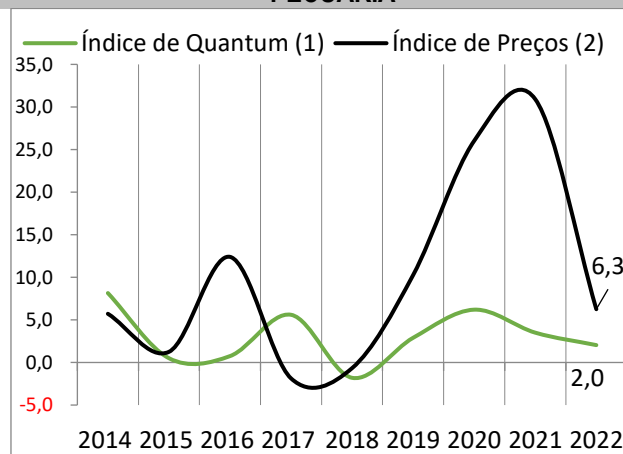
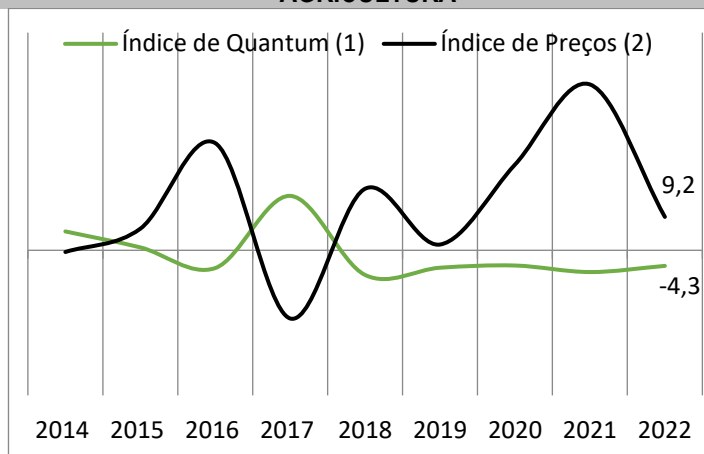
CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA 2022/2021 (%)



A agricultura catarinense teve mais uma safra de baixo desempenho e com perdas de produtividade em alguns dos seus principais cultivos. Problemas climáticos recorrentes com períodos de estiagens e eventos climáticos extremos têm dificultado o avanço da produção. Em 2022, destaca-se a queda na produção de soja, trigo, arroz, tomate e fumo.

A produção pecuária continua crescendo. A demanda externa tem estimulado a produção, enquanto o mercado interno sofre o impacto do aumento dos preços. A produção de suínos em Santa Catarina cresceu 8,5% nos últimos 12 meses até junho, relativos ao mesmo período anterior, enquanto a de aves, cresceu 0,9%. Os abates de bovinos recuaram 17,2%.

QUANTUM E PREÇOS



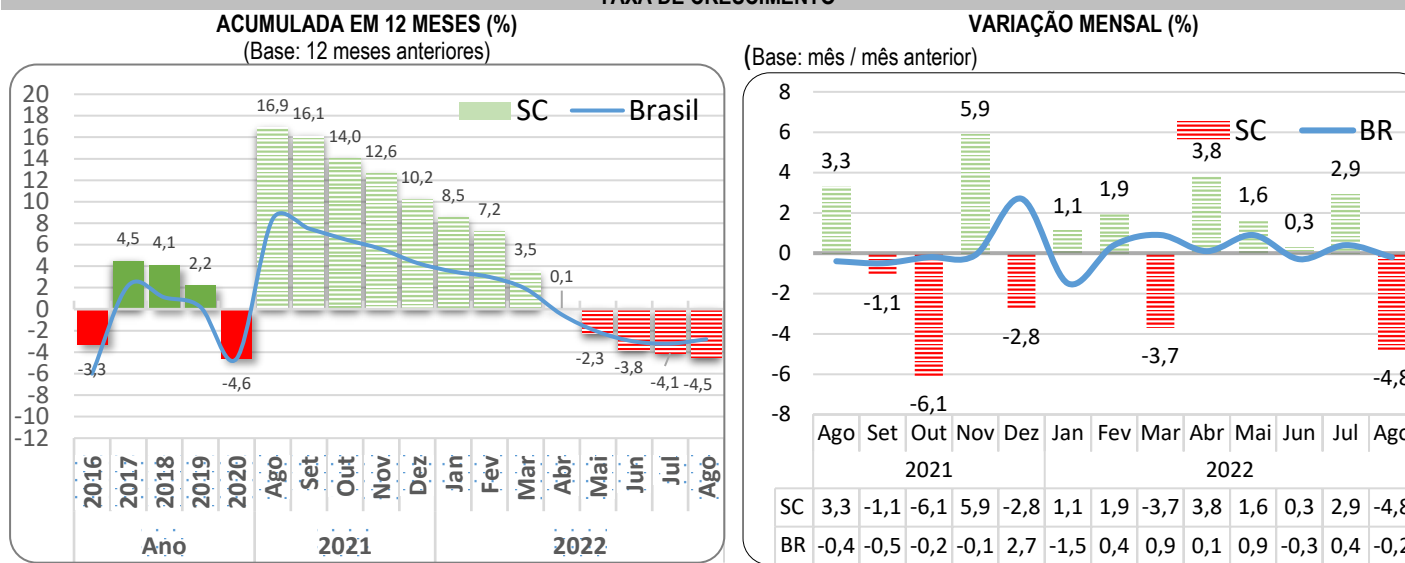
Entre 2021 e 2022, o Índice de quantum agrícola estadual retraiu 4,3%, sendo o quinto ano consecutivo de queda. Já o quantum da pecuária (em 12 meses até junho) cresceu 2%, na comparação com 2021, registrando o quarto ano seguido de alta.

A elevação dos preços recebidos pelo produtor de grãos e das oleaginosas (a exceção do arroz) foram responsáveis por mais uma alta do índice de preços da agricultura, de 9,2%, na comparação das médias de janeiro a junho de 2022, com as respectivas médias de 2021. Na pecuária, com a forte demanda externa, entre outros fatores, houve também elevação dos preços das carnes bovina, de aves e do leite. O mercado de carnes suínas, impactado pela queda de exportações, teve seu preço reduzido. Com isso, o índice geral de preços da pecuária cresceu 6,3% no período. Foi o quarto ano consecutivo de alta.

Fonte: EPAGRI/Cepa (Acompanhamento de Safras e preços médios mensais recebidos pelos agricultores de SC; IBGE/PAM e LSPA de junho de 2022 e Pesquisa Trimestral do Leite (2022/2021 até março); MAPA/SIPAS e DFA (quantitativos de abates nos últimos doze meses até junho de 2022, sob o mesmo período anterior) e o índice de preços calculado sob as médias de preços de janeiro a junho de 2022 em relação ao mesmo período de 2021.

7.3. PRODUÇÃO INDUSTRIAL FÍSICA - INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO

TAXA DE CRESCIMENTO



A indústria brasileira segue em dificuldades. Estudo das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, divulgado recentemente pela CNI, mostra que desde a década de 1990, o Brasil se desindustrializa.

Enquanto em 1985, a indústria de transformação, representava 36% do PIB nacional, em 2021 representava apenas 11%. E pior ainda, enquanto em 1995, representava 2,8% da produção mundial, esse percentual caiu para 1,3% atualmente.

E as dificuldades continuam... Questões conjunturais não estão permitindo que a indústria mantenha o patamar de produção alcançado em 2021, tanto no Estado como no País.

Em SC, após a queda abrupta provocada pela pandemia em 2020, de 4,6%, cresceu 10,2% em 2021. Em 2022, no entanto, a indústria encontra dificuldade de se manter em expansão.

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR SUBSETOR

SUBSETOR	Variação (%) mensal - agosto		Variação (%) acum. de 12 meses	
	(Base: igual mês do ano anterior)		(Base: igual período do ano anterior)	
Indústria de Transformação - BR		4,1		-2,8
Indústria de Transformação - SC		0,7		-4,5
Produtos alimentícios		15		1,8
Produtos têxteis	-16,9		-16,6	
Artigos do vestuário e acessórios		-0,3		-1,6
Produtos de madeira	-14,3			-3,8
Celulose, papel e produtos de papel		2,9		0
Produtos de borracha e de material plástico		-4,1		-8,4
Produtos de minerais não-metálicos	-13,8			-7,5
Metalurgia		-1,6		-2,8
Produtos de metal, exceto máq. e equip.		3,8		-1,6
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-10,4		-15,2	
Máquinas e equipamentos		19,2		-5,7
Veículos automotores, reboques e carrocerias		-0,1		3,5

Além da base alta de comparação, outros fatores conjunturais dificultam a expansão do setor. Por um lado, inflação e juros elevados encareceram o crédito e levaram a um endividamento crescente e a redução do poder de compra das famílias. Por outro, o encarecimento das matérias primas e desabastecimento de insumos, dificultam a volta à normalidade em alguns setores.

Com a retração de 4,8% de agosto, a indústria estadual acumula queda de 3,6% no ano e de 4,5% nos últimos doze meses, abaixo da média nacional em qualquer base. As variações por subsetor no Estado podem ser observadas nos gráficos ao lado.

Apesar das dificuldades, a produção da indústria de transformação de SC está 3% acima do patamar pré-pandemia (fev/2020), enquanto a média brasileira se encontra 0,6% abaixo daquele patamar. Da mesma forma, na série histórica do IBGE iniciada em 2012, a indústria catarinense vem crescendo acima da média.

Fonte: IBGE/PIM

COMÉRCIO PERDE FÔLEGO

O volume de vendas do comércio varejista ampliado está em trajetória de queda, tanto em Santa Catarina como na média do País.

Com crédito mais caro, endividamento crescente e deterioração do poder de compra das famílias, o comércio encontra dificuldades em crescer, especialmente os segmentos dependentes de financiamento. Apesar dos estímulos de curto prazo ao consumo anunciados pelo governo federal, o cenário ainda se mostra desafiador.

Ainda que o indicador de intenção de consumo das famílias catarinenses tenha avançado nos últimos meses, encontra-se em patamar bastante pessimista. Com incertezas internas e externas também crescentes, o consumidor se mantém cauteloso e o comércio vende menos.

Os resultados das vendas de agosto fizeram com que a CNC revisasse novamente para baixo a expectativa de alta nas vendas no varejo nacional em 2022, de 1,3% para 1,2%.

A retração de agosto de 0,2% no volume de vendas do varejo ampliado no Estado confirma tendência de retração que ocorre desde o início do ano. Enquanto em 2021, as vendas cresceram 8,7%, nesse ano desaceleraram para uma alta de 3,2%, e nos últimos doze meses, para 2,3%.

Em SC, nesses últimos doze meses, o volume de vendas retraiu em cinco das dez atividades pesquisadas, conforme gráficos ao lado.

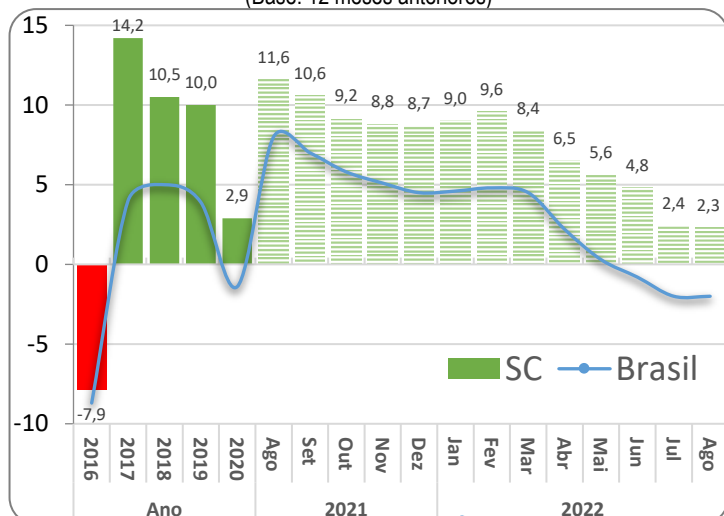
Em qualquer base de comparação o comércio estadual supera o desempenho em nível nacional.

7.4. VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO

VOLUME DE VENDAS

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

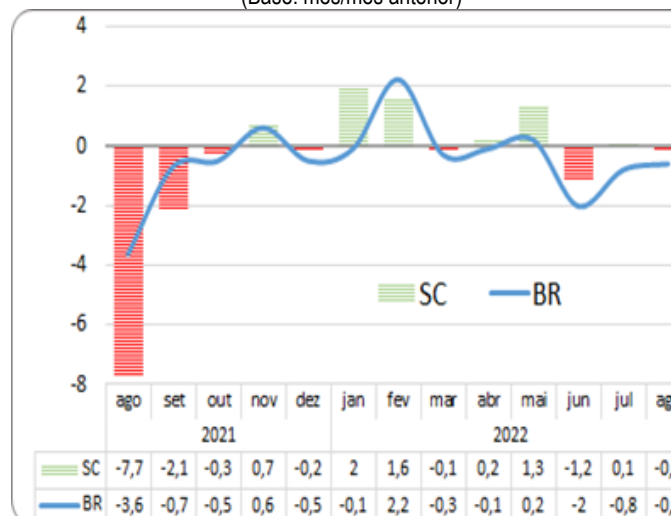
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: IBGE/PMC

VARIÇÃO MENSAL (%)

(Base: mês/mês anterior)



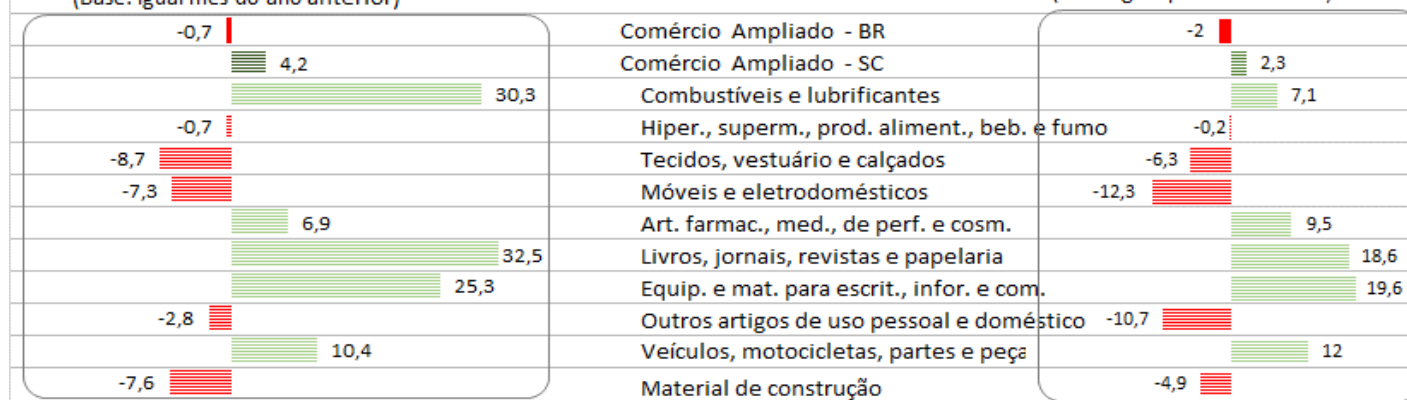
Fonte: IBGE/PMC

VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

Varição (%) mensal AGOSTO
(Base: igual mês do ano anterior)

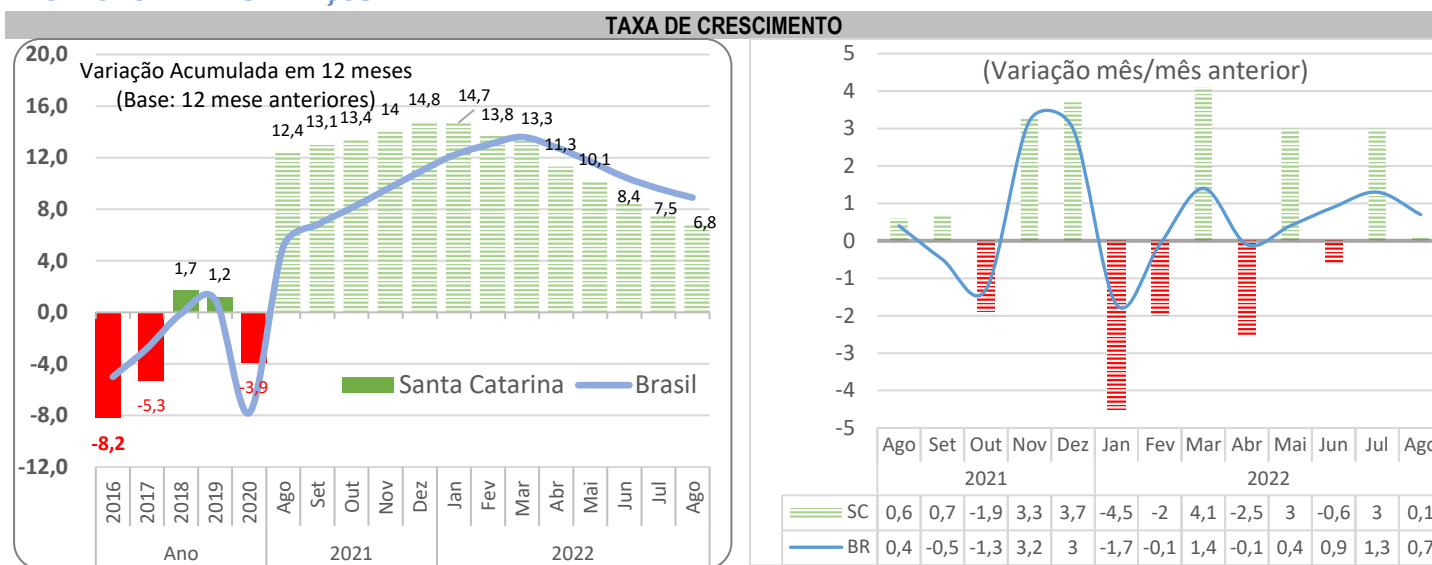
ATIVIDADES

Varição (%) acum. De 12 meses
(Base: igual período anterior)



Fonte: IBGE/PMC

7.5. VOLUME DE SERVIÇOS



SERVIÇOS: CRESCIMENTO PERDE RITMO

Ainda que tenha perdido ritmo nos últimos meses, o setor de serviços se mantém impulsionado pela volta da circulação das pessoas, após um longo período de demanda retraída pela pandemia.

Mas assim como os demais setores da economia, os serviços estão em desaceleração. Depois de um crescimento robusto em 2021, de 14,8%, agora passa a refletir os efeitos da queda no poder de compra das famílias e a desaceleração da indústria e do comércio.

Em SC, o volume de serviços cresceu 0,1% em agosto frente a julho, quando havia crescido 3%, mas a variação foi menor do que no mesmo mês de 2021 (0,6%). Com isso, o setor desacelerou o crescimento no acumulado de doze meses para 6,8%, crescimento que se mantém abaixo da média brasileira desde março passado, nessa comparação. Vale lembrar que o setor teve uma recuperação anterior em SC do que a média brasileira.

TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES

Setor e Atividade (PMS- IBGE)	Var. (%) mensal - AGOSTO (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var.(%) acum. de 12 meses até AGOSTO (Base: igual período do ano anterior)
Volume Total - BR	8	8,9
Volume Total - SC	7,2	6,8
Serviços prestados às famílias	20,7	24,2
Serviços de informação e comunicação	7,1	9,2
Serv. Profiss., administr. e complementares	-14,4	-14,6
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	12,3	9,8
Outros serviços	7,3	8,6

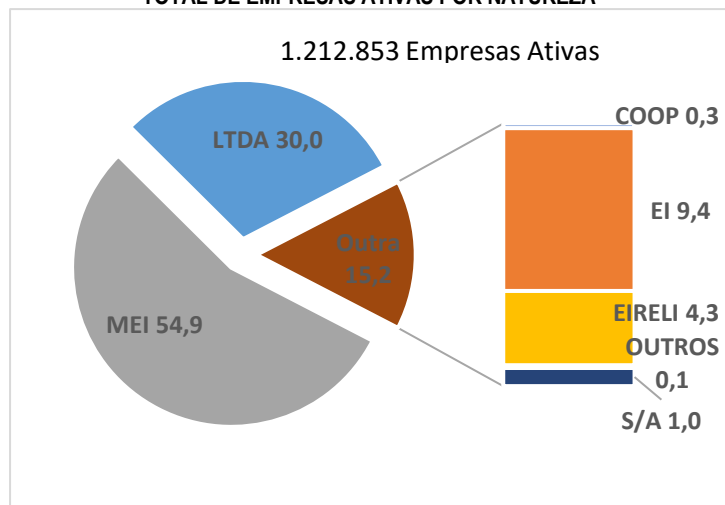
Das cinco atividades acompanhadas pela PMS, os Serviços Profissionais e Administrativos que englobam os serviços prestados às empresas, retraíram 14,6% nesses últimos doze meses, após um período de crescimento robusto em 2021. Os serviços prestados pelas famílias, que inclui o segmento de alojamento e alimentação, um dos mais impactados e dos últimos a se recuperar da crise, apresentam-se agora como os de maior dinamismo, conforme gráficos ao lado

Fonte: IBGE/PMS

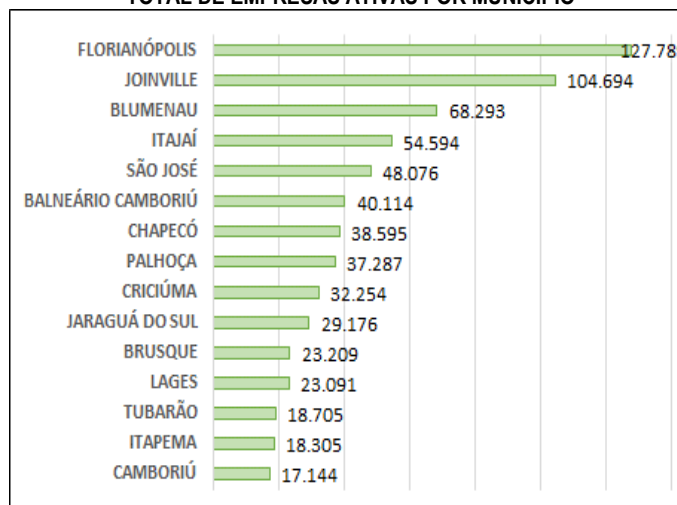
O volume dos serviços no estado encontra-se 18,6% acima do patamar pré pandemia, de fevereiro de 2020. Nacionalmente, encontra-se 10,1% acima daquele patamar.

7.6. EMPRESAS ATIVAS, CONSTITUÍDAS E EXTINTAS EM SANTA CATARINA

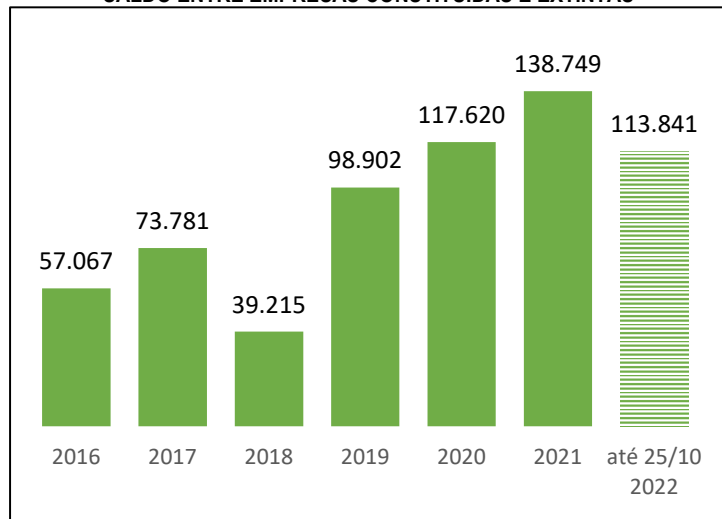
TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR NATUREZA



TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR MUNICÍPIO



SALDO ENTRE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E EXTINTAS



Fonte: JUCESC

EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2022 POR SETOR

Setor	Qtde
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	39.459
Indústrias de transformação	19.713
Construção	17.771
Transporte, armazenagem e correio	15.984
Atividades administrativas e serviços complementares	15.611
Atividades profissionais, científicas e técnicas	15.517
Outras atividades de serviços	13.560
Alojamento e Alimentação	13.259
Educação	7.791
Informação e comunicação	5.711
Saúde humana e serviços sociais	4.570
Serviços domésticos	3.772
Atividades imobiliárias	2.746
Atividades Financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.788
Outras	3.490

EMPRESAS ATIVAS

O número de empresas ativas em SC até o dia 1/11/2022 era de 1.212.853. Desse total, 54,9% referem-se a microempreendedores individuais (MEI), enquanto 4,3% são empresas individuais de responsabilidade limitada (EIRELI) e 9,4% são empreendedores individuais (EI). As empresas de sociedade limitada representam outros 30% do total.

DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIO

Florianópolis lidera o empreendedorismo em Santa Catarina. Do total de empresas ativas no Estado, 56,2% estão registradas nos quinze municípios destacados no gráfico.

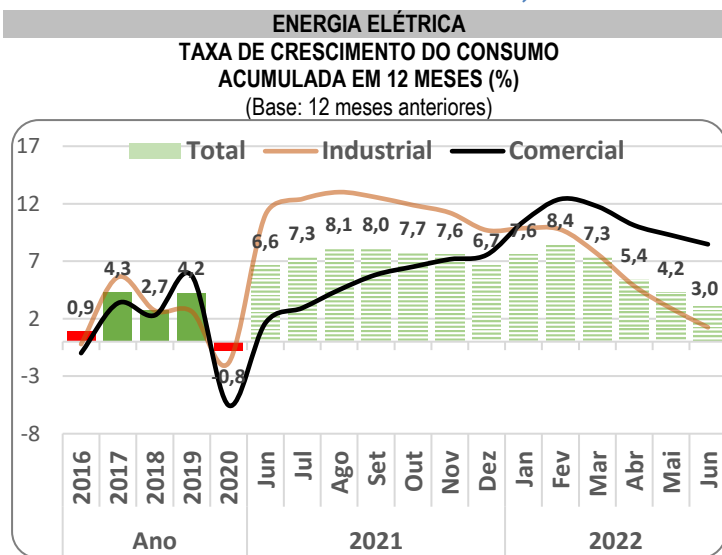
EMPRESAS CONSTITUÍDAS

O saldo entre empresas constituídas e extintas pela Junta Comercial de SC vem subindo a cada ano. Em 2020, o saldo superou 2019 que já havia sido o maior da série iniciada em 2013. E em 2021, o saldo registrou novo recorde atingindo 138,7 mil novas empresas. O saldo atípico de 2018 deve-se ao grande número de extinções por força de lei. Em 2022, até 25/10 o saldo estava em 113,8 mil.

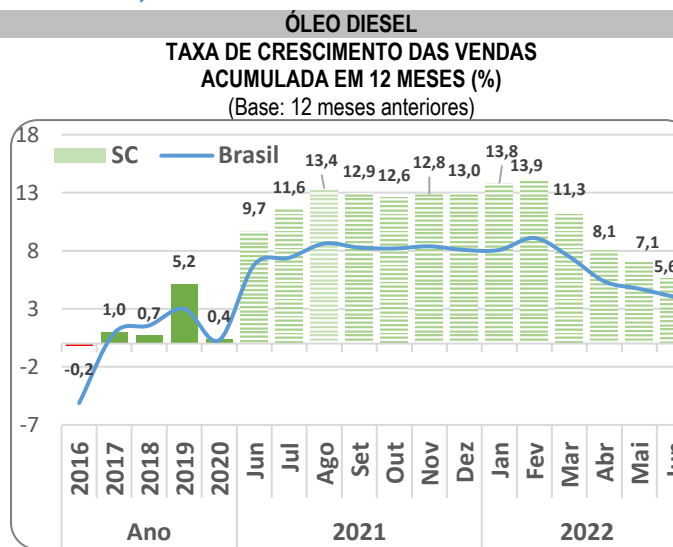
POR SETOR

Do total de empresas que foram constituídas em 2022, o setor do comércio liderou entre os demais. A indústria de transformação, a construção civil, os transportes e as atividades administrativas seguem como os empreendimentos mais atrativos.

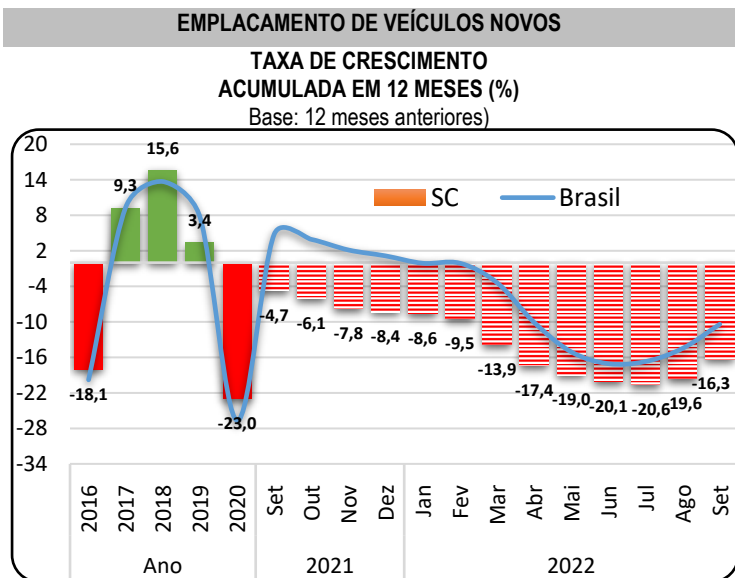
7. 7 CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA, VENDAS DE ÓLEO DIESEL, VEÍCULOS NOVOS E CIMENTO



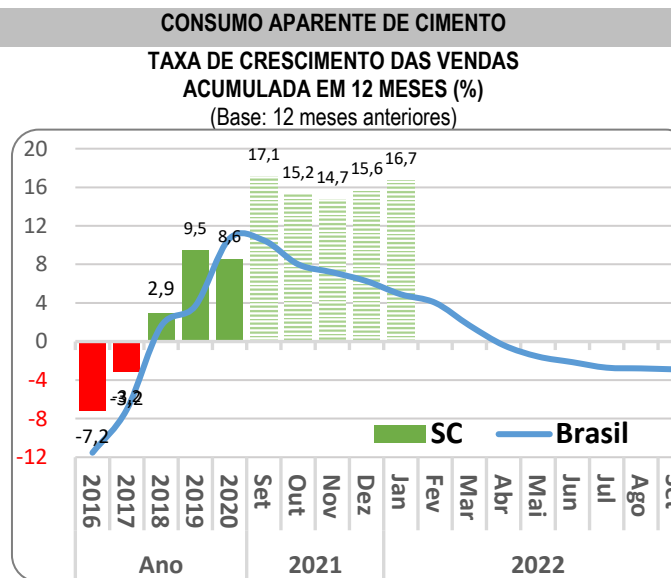
Fonte: CELESC



Fonte: ANP



Fonte: FENABRAVE/SC-ANFAVEA



Fonte: SNIC

ENERGIA ELÉTRICA

O consumo de energia elétrica distribuída pela Celesc desacelerou no primeiro semestre de 2022. Após crescer 6,7% em 2021, caiu para 3% nos 12 meses até junho, sob o mesmo período anterior. Contribuiu a base alta de comparação, mas também a desaceleração da economia e a alta dos preços da energia. Em 2022, na série anualizada, o consumo industrial teve a maior desaceleração (+1,2%), seguido pelo comércio (+8,5%). O residencial cresceu 3,4% no período.

ÓLEO DIESEL

As vendas de óleo diesel entraram em ritmo de expansão desde março do ano passado. Em 2020 cresceram apenas 0,4% no Estado, mas fecharam 2021 com uma alta de 13%. No primeiro semestre de 2022, no entanto, com a explosão dos preços dos combustíveis e a desaceleração da economia, voltaram a recuar. Na comparação de doze meses desaceleraram para 5,6% no Estado, mas superam a média nacional, conforme apresentado ao lado.

VEÍCULOS

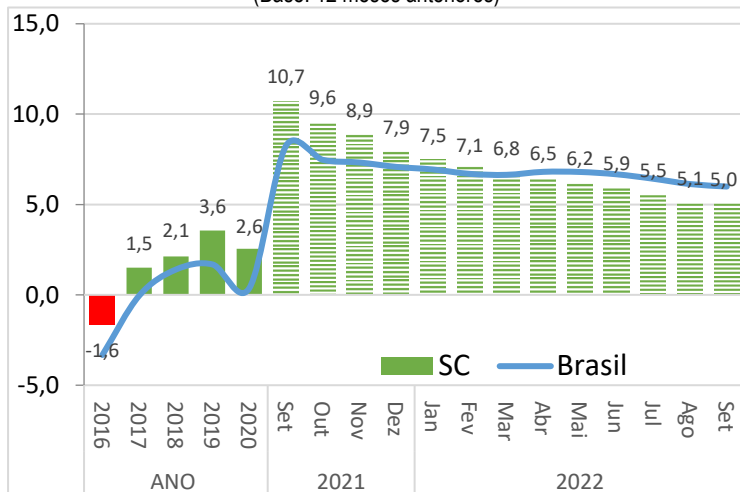
A produção de veículos ainda sofre restrições de insumos e problemas de logística, mas a crise na oferta de semicondutores vem sendo atenuada. Também a redução do IPI dá fôlego ao segmento. Apesar de uma melhora no mercado, o ano de 2022 deverá encerrar com mais uma retração nos licenciamentos, o terceiro consecutivo. Os licenciamentos no mercado nacional recuaram 5% no acumulado do ano até setembro e 10,9% em Santa Catarina.

CIMENTO

A indústria do cimento enfrenta dificuldades associadas ao aumento nos preços de insumos, ao endividamento das famílias e à elevação dos juros no âmbito interno e externo, além de incertezas nos cenários futuros. As vendas no mercado interno acumulam queda de 3,1% no ano e de 2,9% em doze meses até setembro.

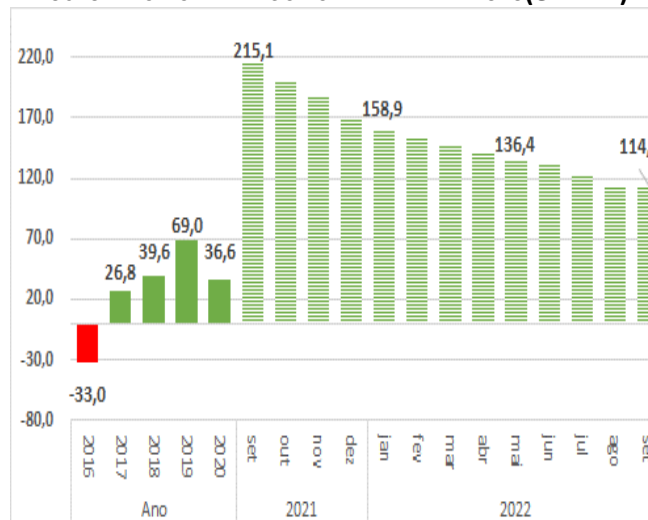
7.8. MERCADO DE TRABALHO

TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO FORMAL ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



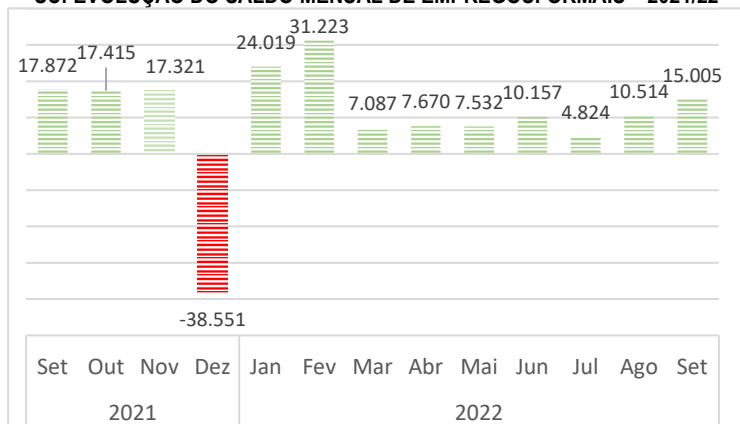
Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED

SC: SALDO DO EMPREGO FORMAL EM 12 MESES(em Mil)



Fonte: MTE/CAGED/NOVO CAGED

SC: EVOLUÇÃO DO SALDO MENSAL DE EMPREGOSFORMAIS – 2021/22



Fonte: MTE/NOVO CAGED

SC: SALDO POR SEGMENTO – SETEMBRO



Fonte: MTE/NOVO CAGED

EMPREGO: ECONOMIA ESTADUAL SEGUE CONTRATANDO

A economia catarinense abriu 15.005 novos postos formais de emprego em setembro, o maior saldo desde março passado, mas inferior aos 17,8 mil postos criados em setembro de 2021. Foi ainda o maior saldo do sul do País e o sétimo entre os demais estados.

Observa-se que após um período de contratações recordes em 2021, a geração de novos postos formais de emprego sinaliza agora para uma acomodação. No acumulado do ano a economia catarinense já abriu 118.031 novos postos de trabalho, sendo que em 2021 foram 167.545.

O setor de serviços liderou as contratações líquidas do mês com 6.740 novos postos criados. Destacou-se aí o segmento de serviços profissionais, administrativos e de informação com a abertura de 2.285 postos, seguido por alojamento e alimentação, com 1.703 postos e transportes, 1.354.

O comércio continua contratando e abriu 3.786 postos em setembro e acumula 9.991 novos postos criados em 2022, lembrando que em 2021 o segmento havia aberto outras 34.194 novas vagas.

A indústria de transformação abriu 2.702 postos em setembro, sendo as maiores contratações na fabricação de produtos alimentícios (+1.253) seguido por Confeção de Artigos do Vestuário e Acessórios (+431), Produtos de Metal (+272); Máquinas Elétricas (+205) e Celulose e Papel (+166). No segmento da Fabricação de Produtos de Madeira houve 563 demissões líquidas. No ano a indústria de transformação acumula 27.974 novos postos abertos, após outros 51.406 abertos em 2021.

A construção civil abriu 1.063 novos postos no mês e acumula 17.133 novos postos no ano, depois de abrir 12.795 em 2021.

7.9. COMÉRCIO EXTERIOR

CORRENTE DE COMÉRCIO RECORDE

Após um semestre de recordes nas vendas externas, com aumento do valor médio da tonelada exportada e da participação de produtos de maior valor agregado, o ritmo de crescimento perde força. As importações se mantem em patamares recordes, mas também demonstram tendência de desaceleração do crescimento, conforme observa-se no gráfico ao lado abaixo. Ainda assim, a corrente de comércio (exportação + importação) deverá renovar novo recorde em 2022, tanto em SC como no País.

As exportações estaduais que retraíram em 2019 (-3,5%) e em 2020 (-9,2%) tiveram forte recuperação em 2021 (+26,7%) e mantiveram um bom ritmo de crescimento no primeiro semestre de 2022. Em julho, no entanto, retraíram em 5,3%, voltaram a crescer (+5,6%) em agosto e em setembro tiveram forte queda (-19,2%). Com isso, o crescimento no ano desacelerou para +23,4% e em doze meses para +27,7%. Ainda assim se mantem em patamares recordes nessas duas últimas comparações.

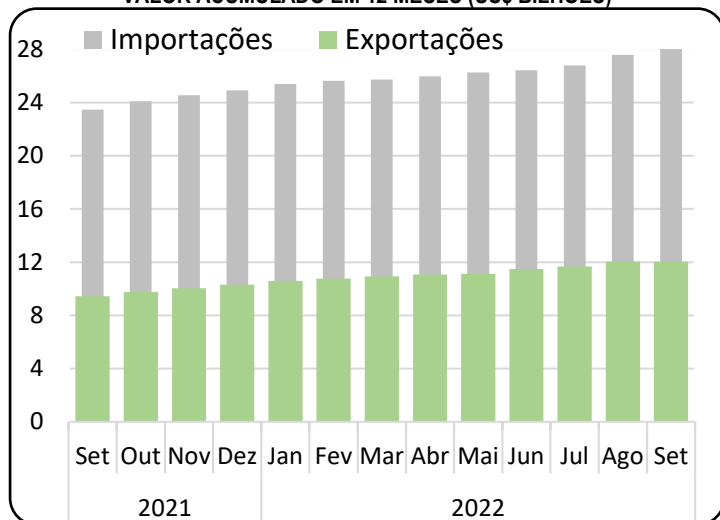
Em setembro foram embarcados o equivalente a US\$ 980,9 milhões via portos catarinenses e desembarcados outros US\$ 2,7 bilhões.

Os principais itens exportados no ano foram os Cortes de Aves (+26% e 13,1% do total), Carnes Suínas (-5,6% e 10,5% do total) e Soja (+0,8% e 6,1% do total). Ainda entre os dez principais itens, houve expressiva alta nas vendas de papel (+153%) ,de motores (+63,5%) e peças para motores (+32,4%).

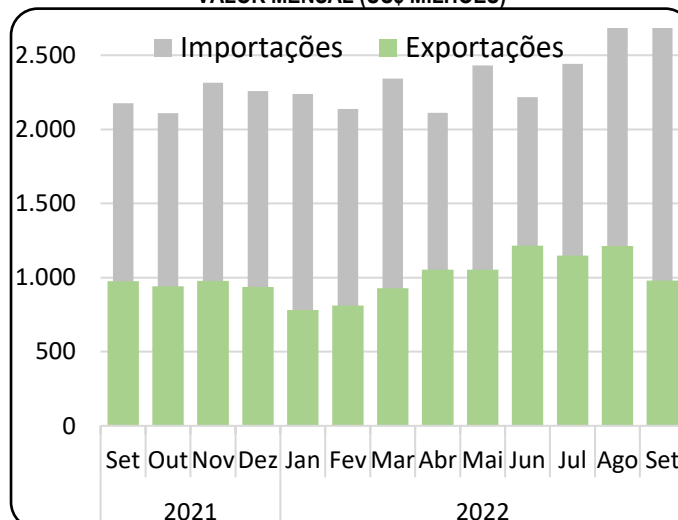
O principal destino no acumulado do ano foi EUA com alta de 23,6% (18,3% do total) e China com retração de 11% e 13,7% do total embarcado. Ainda entre os dez maiores destinos em 2022, as Filipinas tiveram o maior crescimento (+176%), seguido por Argentina (+60%) e Emirados Árabes (+37,6%).

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA

VALOR ACUMULADO EM 12 MESES (US\$ BILHÕES)



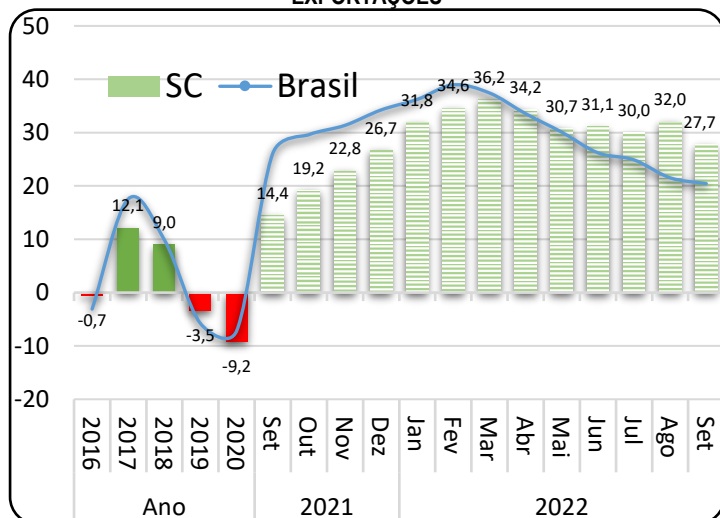
VALOR MENSAL (US\$ MILHÕES)



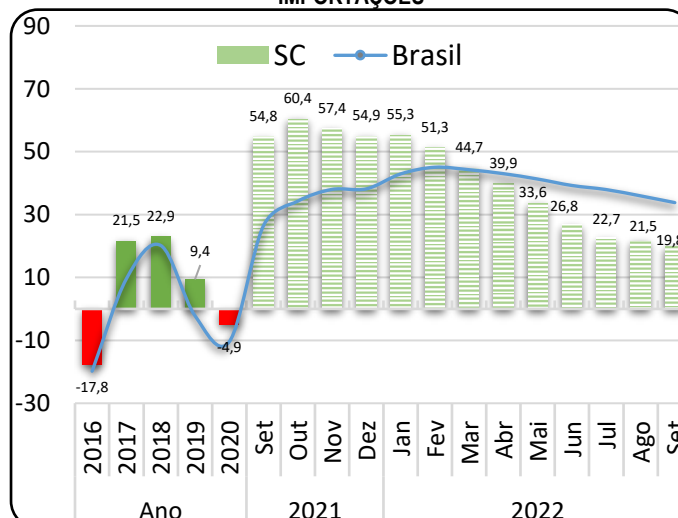
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES

(BASE 12 MESES ANTERIORES)

EXPORTAÇÕES



IMPORTAÇÕES

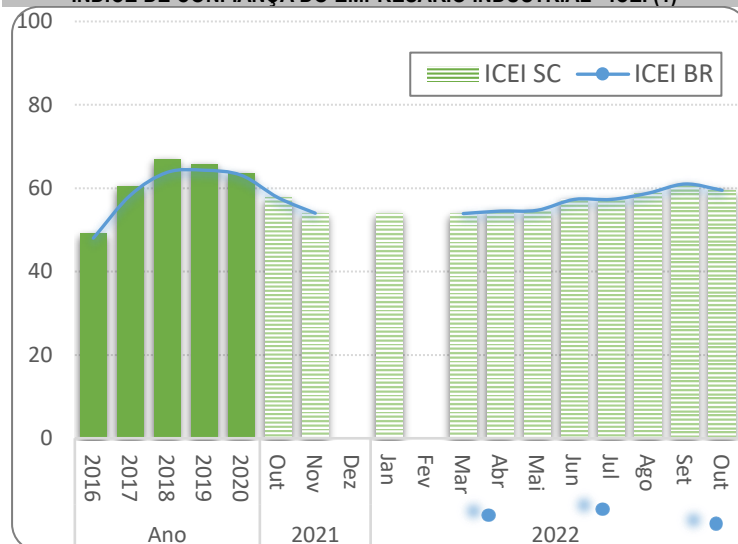


Fonte: MDIC

(Fonte: MDIC)

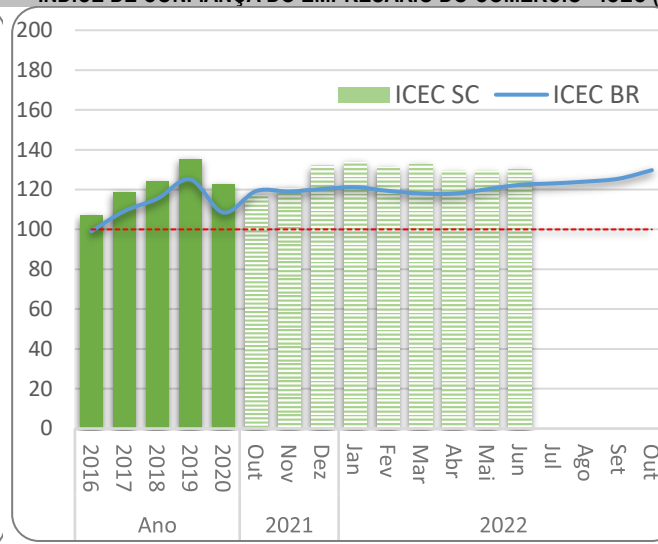
7.10. ÍNDICE DE CONFIANÇA

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI (1)



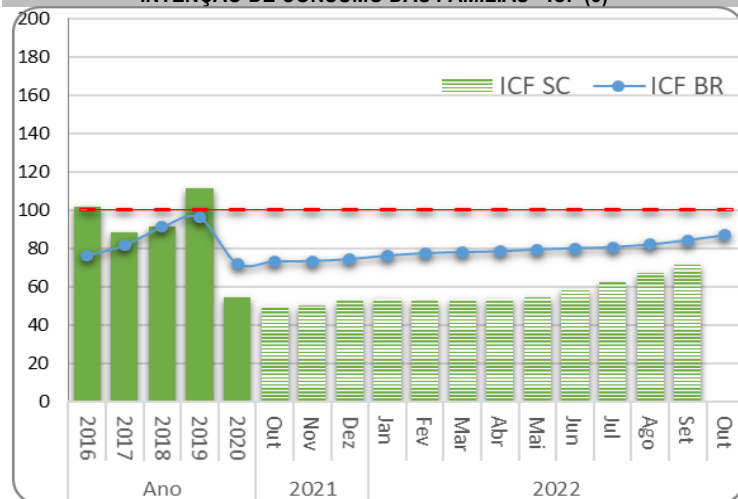
Fonte: FIESC e CNI

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC (2)



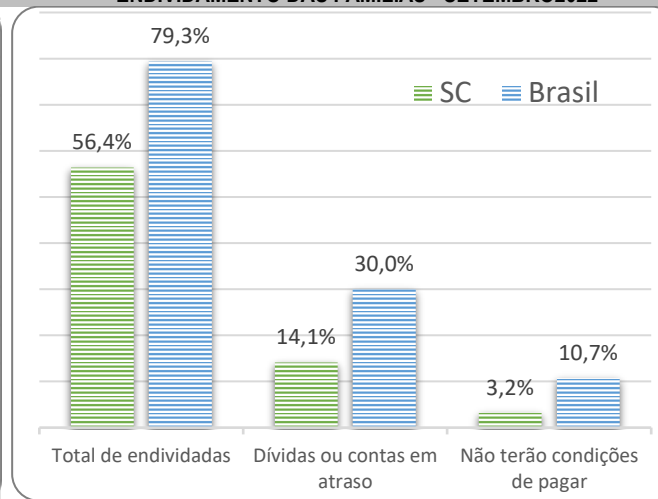
Fonte: Fecomércio SC e CNC

INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF (3)



Fonte: Fecomércio e CNC

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS - SETEMBRO 2022



Fonte: Fecomércio e CNC

INDÚSTRIA: CONFIANÇA INVERTE TENDÊNCIA

Após seis meses em alta, o índice de confiança do empresário industrial teve queda em outubro, tanto no Estado como no País. Segundo a CNI, a queda ocorreu em todas as regiões e em todos os portes de indústria e reflete expectativas menos positivas para os próximos seis meses e, em menor medida, uma avaliação menos positiva das condições atuais. Apesar da queda, os empresários seguem confiantes.

COMÉRCIO OTIMISTA

Apesar da desaceleração das vendas, o indicador nacional de confiança do empresário do comércio teve em outubro uma alta expressiva. Expectativas de melhora nas vendas com o mundial de futebol e as festas de final de ano impulsionaram o índice, que já supera o nível pré-pandemia. Entre os subíndices do ICEC houve aumento em “Condições Atuais do Comércio” e “Expectativas Futuras”, enquanto nas “Intenções de Investimentos” houve recuo.

INTENÇÃO DE CONSUMO

A Intenção de Consumo das Famílias Brasileiras teve alta de 2,1% em outubro, o nono mês seguido de variação positiva. Segundo a CNC, a alta reflete a recente queda na inflação e o efeito das transferências de renda. No entanto, o endividamento elevado e em alta e o crédito caro, bem como o elevado patamar que a inflação ainda se encontra, representam obstáculos e o índice geral ainda aponta pessimismo, tanto em SC como no País.

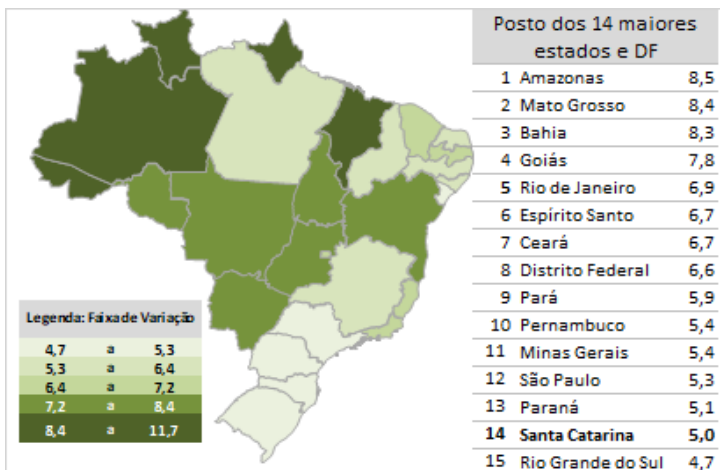
ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

A proporção de catarinenses endividados cresceu pelo décimo mês seguido em setembro e atingiu 56,4% das famílias. O percentual dos que não terão mais condições de pagar suas dívidas ou estão com dívidas em atraso atingiu a máxima dos últimos doze meses. Em nível nacional, o cenário é bem mais desafiador, como endividamento e as dívidas em atraso renovando recordes.

7.11. DESEMPENHO DOS ESTADOS

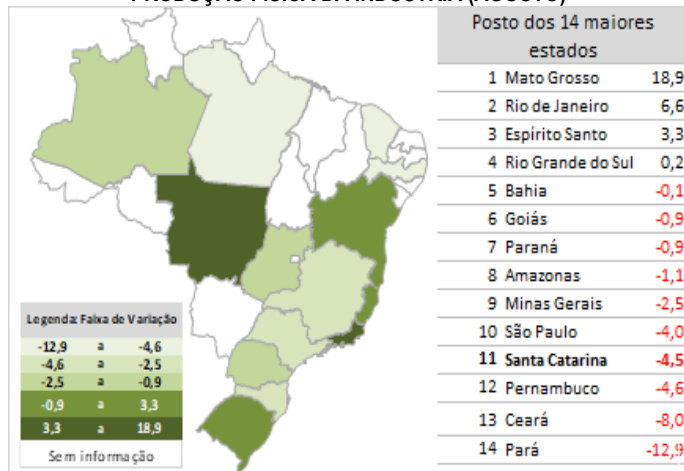
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%) (BASE: 12 MESES ANTERIORES)

EMPREGO FORMAL (SETEMBRO)



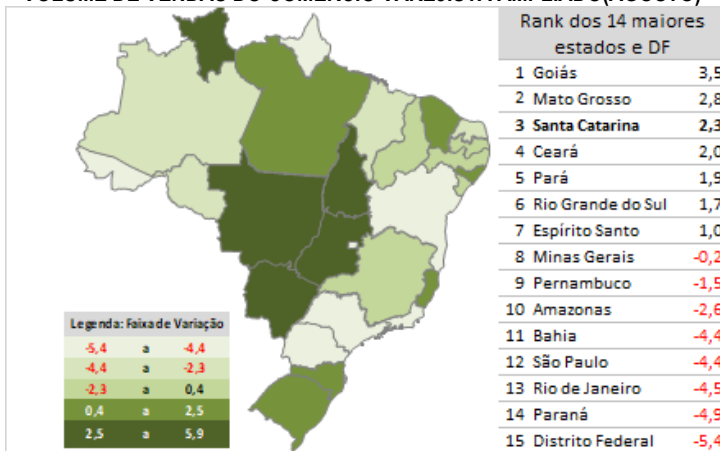
Fonte: NOVO CAGED

PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA (AGOSTO)



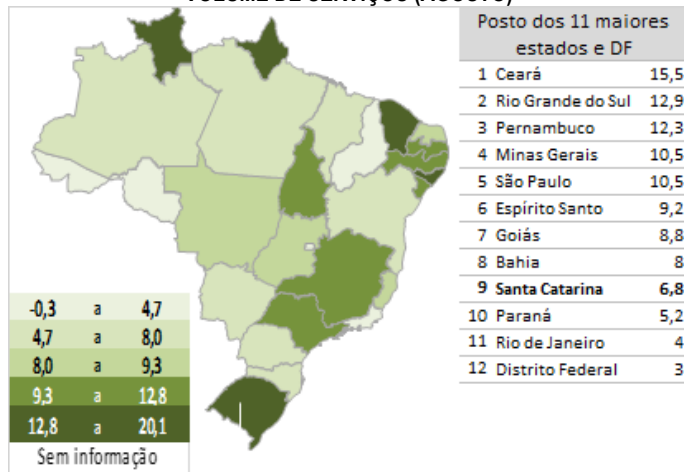
Fonte: IBGE/PIM

VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO(AGOSTO)



Fonte: IBGE/PMC

VOLUME DE SERVIÇOS (AGOSTO)



Fonte: IBGE/PMS

EMPREGO: CRESCIMENTO SE DESLOCA PARA O CENTRO NORTE DO PAÍS

Após liderar o crescimento do emprego em boa parte de 2021, o ritmo de geração de novas vagas se desloca para o centro norte do País, enquanto a economia catarinense passa por uma acomodação. Com alta de 5% nos últimos doze meses encerrados em setembro, SC ocupa a décima quarta posição entre os maiores estados. Na média do Brasil, o emprego formal avançou 6% no período.

INDÚSTRIA: DESEMPENHO ABAIXO DA MÉDIA

Na passagem de julho para agosto, a produção industrial caiu em 7 dos 15 locais pesquisados pelo IBGE. SC teve a segunda maior queda do país (-4,8%), frente a um recuo da indústria nacional de transformação de 0,6%. Com isso a produção industrial no estado recuou 4,5% nos últimos doze meses, enquanto na média do País o recuo foi 2,8%. Nessa comparação SC ocupa o 11º posto entre os quatorze estados pesquisados.

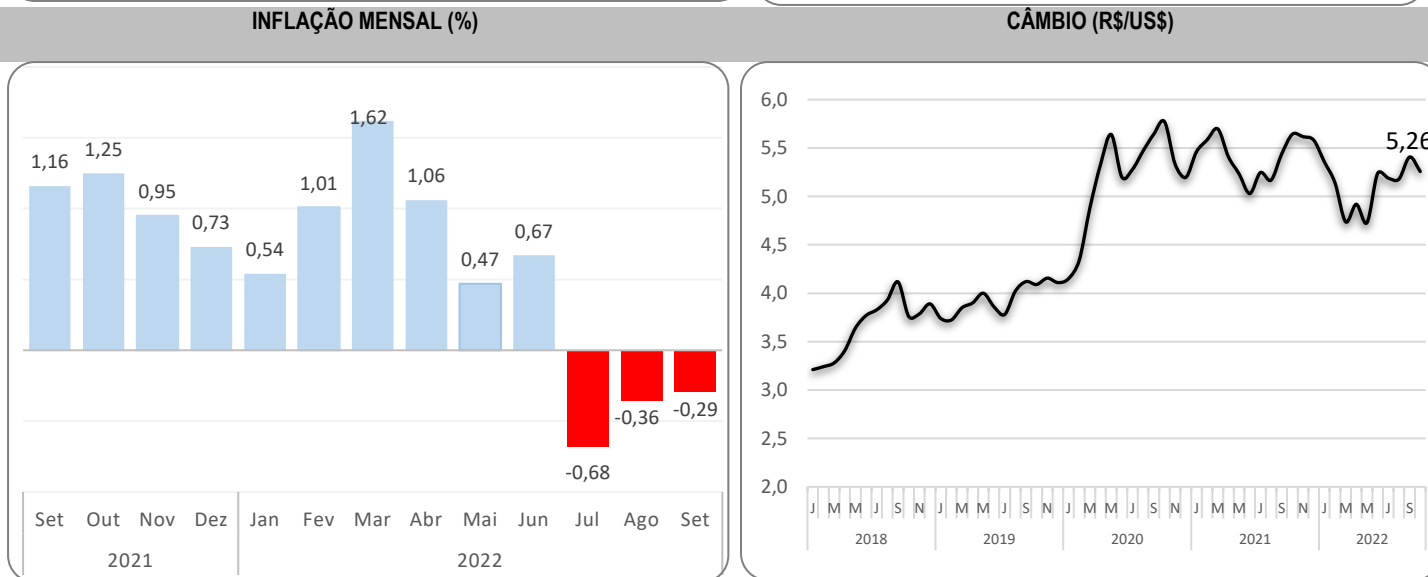
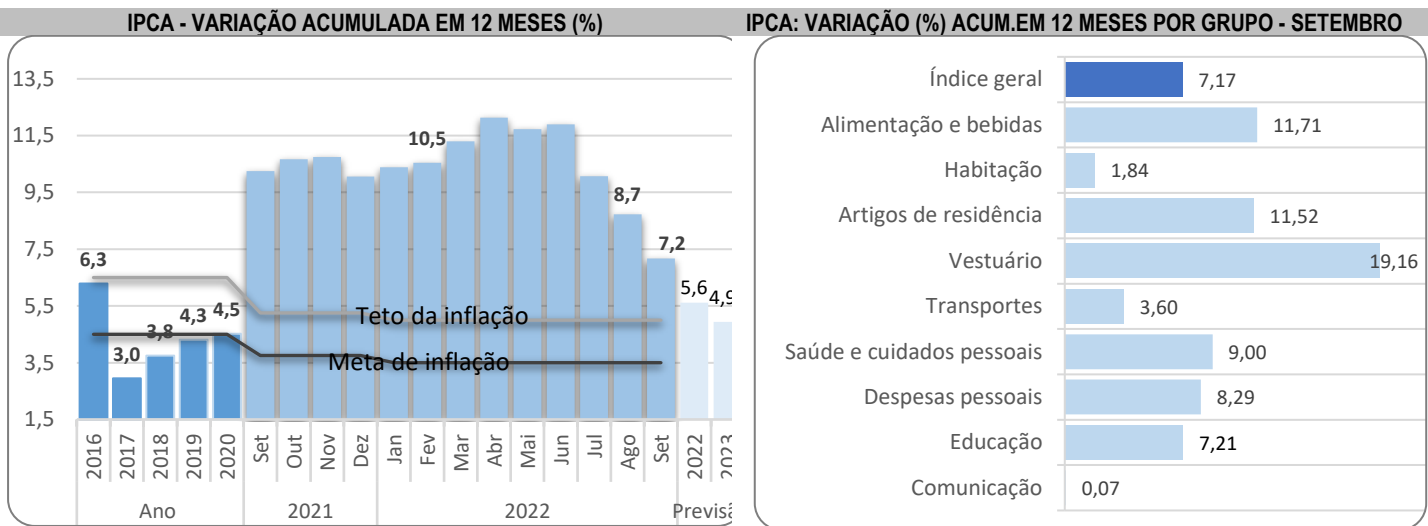
COMÉRCIO: SC É DESTAQUE

O volume de vendas do varejo ampliado está em desaceleração. Fechou 2021 com crescimento de 8,7% e, em agosto, na comparação de 12 meses, a alta anualizada estava em 2,3%. Ainda assim, cresce acima da média brasileira que retraiu 2% no período. Com isso, o varejo estadual mantém o maior crescimento do Sul e o terceiro entre os maiores estados.

SERVIÇOS CRESCEM ABAIXO DA MÉDIA

O setor de serviços foi o último a se recuperar da crise provocada pela pandemia e agora exibe um crescimento anual robusto, ainda que em acomodação. SC teve uma recuperação do setor anterior aos demais estados e fechou 2021 com o maior crescimento entre os maiores estados, mas em agosto passado ocupava o nono posto. Cresceu 6,8% em doze meses, frente a uma média nacional de 8,9%.

8. OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS - INFLAÇÃO E TAXA DE CÂMBIO



Fonte: IBGE; Bacen/Boletim Focus

Fonte: Bacen

INFLAÇÃO RECUA

O IPCA registrou deflação pelo terceiro mês consecutivo. O índice registrou queda de 0,68% em julho, de 0,36% em agosto e outra de 0,29% em setembro.

Com o resultado do mês, o IPCA agora acumula no ano alta de 4,09% e, nos últimos 12 meses, de 7,17%. Ainda assim a inflação segue em patamar bem acima da meta do Bacen, de 3,5%.

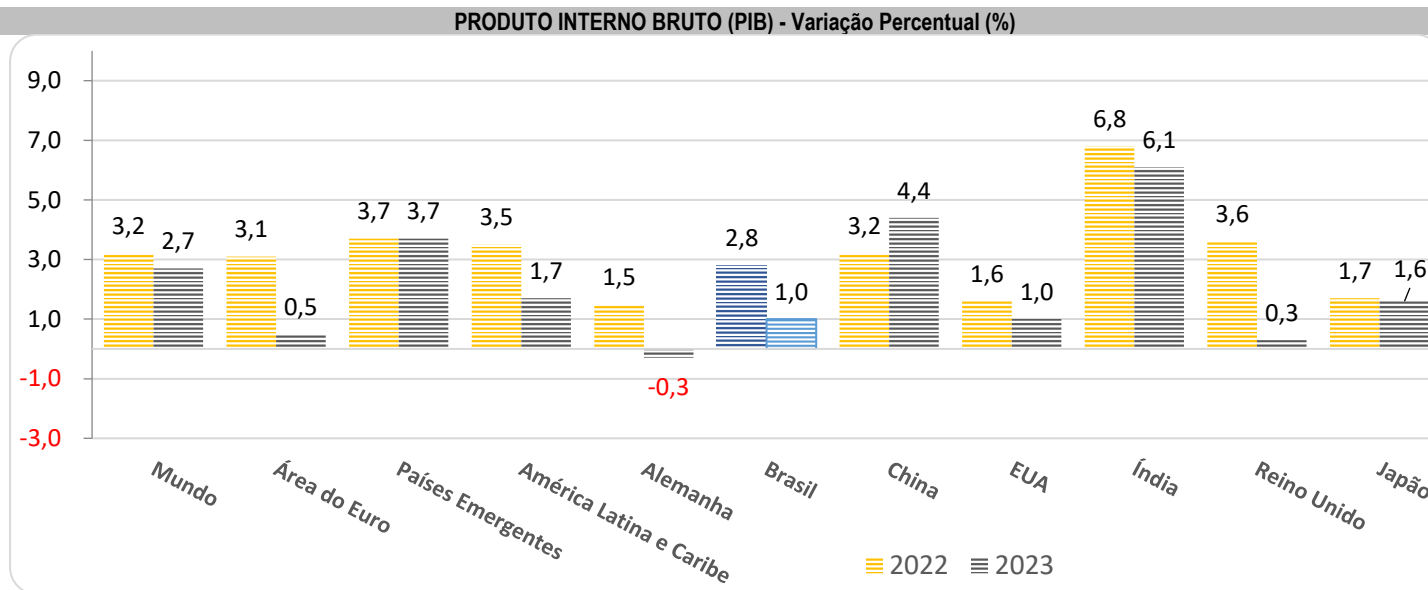
A deflação do mês deveu-se principalmente a queda de 8,33% nos preços da gasolina, de grande peso no IPCA. Os outros três combustíveis pesquisados também tiveram queda nos preços: etanol (-12,43%), óleo diesel (-4,57%) e gás veicular (-0,23%). Com isso, o grupo dos transportes exerceu o maior impacto negativo sobre o índice geral.

Nos últimos 12 meses, o grupo Vestuário teve a maior alta de preços, seguido por Alimentos e Bebidas (+19,2%), por Alimentação e Bebidas (+11,7%) e por Artigos de Residência (11,5%), conforme gráfico ao lado.

CÂMBIO

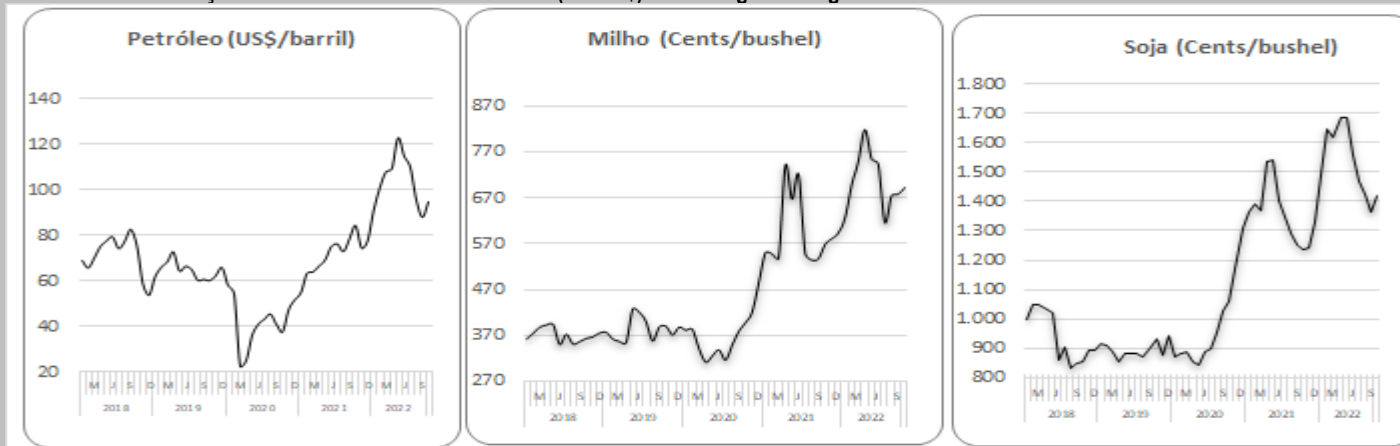
O Real teve valorização próxima dos 3% no mês de outubro e um pouco acima dos 6% nos últimos doze meses até outubro. E segue valorizando nos primeiros dias de novembro. Fatores como a taxa de juros em patamares elevados, a percepção de que a Selic será mantida inalterada nos próximos meses e a forte entrada de capitais externos no País, entre outros fatores, explicam essa valorização.

9. ECONOMIA INTERNACIONAL



Fonte: FMI - World Economic Outlook Database (Setembro/2022)

COMMODITIES - PREÇOS NOMERCADO INTERNACIONAL (EM US\$) Bloomberg/Investing.com -31/OUTUBRO/2022



FMI: INFLAÇÃO E INCERTEZA

O FMI, em seu informe das Perspectivas Econômicas Mundiais de Outubro, enfatizou uma desaceleração da economia mundial que se mostrou mais ampla e acentuada. Destacou a crise do custo de vida, o aperto das condições financeiras na maior parte do mundo, a invasão russa na Ucrânia e a persistência da pandemia como fatores de incerteza e de impacto na revisão das projeções.

Diante desse cenário, manteve a previsão de julho para o crescimento da economia mundial em 2022 em 3,2%, depois de crescer 6,0% em 2021. A variação ficou, no entanto, 0,4 ponto percentual (p.p.) abaixo do previsto em abril. Para 2023, estima agora um crescimento de 2,7%, um recuo de 0,2 p.p. frente a estimativa de julho, e de 0,9 p.p. frente a de abril.

Para a América Latina e Caribe projetou um crescimento de 3,5% em 2022 e de 1,7% em 2023. Para o Brasil, a instituição projetou um crescimento de 2,8% para 2022, 1,1 p.p. acima da projeção anterior, e de 1% para 2023, 0,1 p.p. a menos em relação ao último relatório.

A inflação mundial está prevista em passar de 4,7% em 2021 para 8,8% em 2022 passando a declinar para 6,5% em 2023. Reflete a alta de preços dos alimentos e energia e as pressões de custo ocasionado pela ruptura nas cadeias de suprimentos e pela escassez histórica de mão de obra.

Em meio a esses desafios, o FMI tem enfatizado a importância da cooperação multilateral, desde a transição climática, ao enfrentamento de pandemias, a segurança alimentar até o superendividamento. Destaca que 60% dos países de baixa renda estão superendividados ou em alto risco, frente a 20% há uma década.

COMMODITIES

Após a alta explosiva dos preços internacionais das commodities em função da retomada do crescimento mundial pós pandemia e da guerra na Ucrânia, o segundo semestre iniciou com desaceleração desses preços. Em outubro, no entanto, as cotações voltaram a subir. O preço do petróleo avançou 7,8%, o da soja, 4% e o do milho subiu 2,1%.



—

